

INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA  
ESCOLA SUPERIOR DE ALTOS ESTUDOS

Mariana Ribeiro Riais Eugénio

Estilos educativos parentais: Percepções de mães e filhos em idade escolar

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica – Ramo de Psicoterapias  
Apresentada ao ISMT

Coimbra

2011

INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA

ESCOLA SUPERIOR DE ALTOS ESTUDOS

Mariana Ribeiro Riais Eugénio

Estilos educativos parentais: Percepções de mães e filhos em idade escolar

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica – Ramo de Psicoterapias,  
apresentada ao ISMT e elaborada sob a orientação do Prof. Doutor Carlos Farate e co-  
orientação da Mestre Sónia Simões

Coimbra

2011

## Agradecimentos

O meu sentido e profundo agradecimento ao Professor Doutor Carlos Farate e Mestre Sónia Simões, pela orientação, partilha de saberes, compreensão e disponibilidade manifestados no decurso deste trabalho.

À minha família, em especial aos meus pais e irmão, o meu profundo e eterno agradecimento pelo apoio incondicional, pelos ensinamentos e por todo o esforço que fizeram para que eu chegasse até aqui.

A todos os restantes familiares que sempre me encorajaram e apoiaram.

A todos os meus amigos por estarem sempre presentes nos bons e nos maus momentos.

Ao Pedro, colega que participou neste estudo, por todo o seu apoio.

A todos os participantes do estudo – crianças, pais e professores, pela disponibilidade e toda a ajuda, sem eles o estudo não seria possível.

Para finalizar, dedico este trabalho ao meu avô, Manuel Luís, que apesar de não se encontrar fisicamente entre nós, onde quer que esteja sei que ficará com certeza orgulhoso por me ver chegar a esta etapa.

## RESUMO

**Introdução:** Os estilos educativos parentais compreendem as interacções entre os pais e a criança. Estas interacções traduzem a atitude dos pais em relação aos seus filhos em áreas como o apoio, controlo, modelação e pedagogia cívica (regras, normas de condutas). Desta forma, a qualidade do estilo educativo parental é fundamental para o desenvolvimento harmonioso da criança.

**Objectivo:** O objectivo deste estudo foi comparar as percepções das mães e filhos em idade escolar relativamente aos estilos educativos parentais.

**Metodologia:** Trata-se de um estudo transversal, cuja amostra é composta por 93 crianças em idade escolar (6-10 anos) e as respectivas mães, que responderam aos seguintes instrumentos: Questionário sócio-demográfico; EMBU-C e EMBU-P. As crianças frequentavam quatro escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico do Concelho de Coimbra.

**Resultados:** Os resultados revelam uma concordância das percepções de mães e filhos relativamente à dimensão tentativa de controlo, avaliadas pelo EMBU-C e EMBU-P ( $\rho = .220$ ;  $p < 0.05$ ) e divergência de percepções entre mães e filhos nas dimensões afectivas avaliadas pelos mesmos instrumentos (suporte emocional e rejeição). Foram também observadas diferenças significativas na percepção da criança sobre os estilos educativos da mãe e do pai, tendo sido percepcionado um maior suporte emocional ( $Z = 2.544$ ;  $p = .011$ ) e uma maior tentativa de controlo ( $Z = -5.526$ ;  $p = .000$ ) por parte da mãe comparativamente ao pai.

**Conclusão:** Este estudo sugere que a tentativa de controlo se trata da única dimensão em que existe conformidade entre a percepção da mãe e da criança. Esta constatação poderá dever-se ao facto desta dimensão ter um carácter mais instrumental e menos subjectivo em comparação às dimensões afectivas (suporte emocional e rejeição).

**Palavras - chave:** Estilos educativos parentais, crianças em idade escolar, EMBU-C e EMBU-P

## ABSTRACT

**Introduction:** Parenting rearing styles include educational interactions between parents and child. These interactions reflect the attitude of parents towards their children in areas such as support, monitoring, modeling and civic education (rules, standards of conduct). Thus, the quality of parental rearing style is essential for the harmonious development of the child.

**Objective:** The purpose of this study was to compare the perceptions of mothers and of school aged children in relation to parental rearing style.

**Methods:** This is a cross-sectional study, whose sample consists of 93 school-age children (6-10 years) and their mothers, who answered the following: socio-demographic questionnaire; EMBU-C and EMBU-P. The children attended four schools of the 1st Cycle of Basic Education in the Municipality of Coimbra.

**Results:** The results show a concordance of perceptions of mothers and children relative to the attempt to control dimension evaluated by the EMBU-C and EMBU-P ( $\rho = .220$ ,  $p < 0.05$ ) and differences in perceptions between mothers and children in emotional dimensions assessed by the same instruments (emotional support and rejection). There were also significant differences in the child's perception of parental rearing style of the mother and father, having been perceived a greater emotional support ( $Z = 2.544$ ,  $p = .011$ ) and a greater attempt to control ( $Z = -5.526$ ,  $p = .000$ ) by the mother compared to father.

**Conclusion:** This study suggests that the attempt to control is the only dimension where there is conformity between the perception of the mother and child. This finding may be due to the fact, that this dimension has a more instrumental character and less subjective compared to affective dimensions (emotional support and rejection).

**Key - words:** Parenting rearing styles, school – aged children, EMBU-C and EMBU-P.

## Índice

Introdução	1
Metodologia	10
Resultados	15
Discussão	20
Conclusões	25
Referências Bibliográficas	28

## Anexos

Anexo 1. Características sócio-demográficas da amostra: crianças

Anexo 2. Características da amostra: Idade, nível de escolaridade, situação profissional e profissão dos pais

Anexo 3. Tipos de família do estudo

Anexo 4. Médias, desvios- padrão e teste *Kolmogorov-Smirnov* para as subescalas do EMBU-C-mãe e EMBU-C-pai e do EMBU-P

Anexo 5. Diferenças na percepção da mãe sobre os estilos educativos parentais em função do género da criança

Anexo 6. Diferenças na percepção da criança sobre os estilos educativos parentais em função do género da criança

Anexo 7. Diferenças entre a percepção da criança dos estilos educativos parentais em função do comportamento actual da criança

Anexo 8. Consentimento Informado

Anexo 9. Questionário Sócio-Demográfico

Anexo 10. EMBU-C

Anexo 11. EMBU-P

## Índice de tabelas

Tabela 1. Consistência interna do EMBU-C ( <i>alpha de Cronbach</i> ).....	13
Tabela 2. Consistência interna do EMBU-P ( <i>alpha de Cronbach</i> ) .....	15
Tabela 3. Correlação entre as dimensões do estilo educativo parental avaliado pela criança e pela mãe.....	16

Tabela 4. Correlações entre subescalas do EMBU-P .....	16
Tabela 5. Correlação entre subescalas do EMBU-C .....	17
Tabela 6. Diferenças na percepção da mãe dos estilos educativos parentais em função da idade da criança .....	18
Tabela 7. Diferenças entre a percepção da mãe dos estilos educativos parentais em função do comportamento actual da criança .....	19
Tabela 8. Diferenças na percepção da criança dos estilos educativos do pai e da mãe..	19
Tabela 9. Diferenças na percepção da criança dos estilos educativos parentais em função da idade da criança .....	20

## Introdução

O interesse pela temática da parentalidade tem crescido nos últimos anos, facto que se deve à importância que a interacção entre pais e filhos exerce no desenvolvimento saudável da criança. No presente trabalho procuramos estudar a qualidade dos estilos educativos parentais percebidos por mães e filhos, uma vez que este aspecto se mostra preponderante no crescimento (in)adaptativo da criança, sendo bastante investigado nas últimas décadas (Baumrind, 1968, 1971, 1975; Belsky, 1984, 1993; Cummings, Davies, & Campbell, 2000; Darling & Steinberg, 1993; Maccoby & Martin, 1983).

No entanto, o estudo científico sobre o papel parental e a sua importância no desenvolvimento psicossocial da criança remete-se apenas ao século passado. Nesta fase, predominava uma visão suportada pela teoria psicanalista e das teorias comportamentais, que se focavam na visão unidireccional dos efeitos do comportamento parental, contemplando exclusivamente a relação entre mãe e filho (Pereira, 2007). Mais tarde a influência dos comportamentos parentais foi evoluindo para o foco nos processos, integrando a causalidade recíproca (Pereira, 2007). Sendo a terceira etapa do seu estudo influenciada por uma perspectiva ecológica, que sublinha a importância de múltiplos factores intra e extra familiares no desenvolvimento da criança (Pereira, 2007).

A parentalidade poderá ser definida como um conjunto de acções que partem das figuras parentais em relação aos seus filhos, no sentido de promoverem o seu desenvolvimento da forma mais plena possível, utilizando para tal, recursos que dispõe dentro da família, e também fora dela, isto é, na comunidade (Cruz, 2005). Os pais são portanto, o primeiro agente de socialização e de realização afectiva, e neste sentido, transmitem à criança a sua visão sobre o mundo, detendo como função principal fomentar nas crianças estratégias de como deverão viver em plena adaptação à sociedade, para que estas cresçam e se tornem adultos íntegros (Alvarenga & Piccini, 2001; Paiva, 2005; Rodrigo & Palacios, 2008). Não obstante, aos pais é pedido que estimulem nos seus filhos hábitos saudáveis, normas, regras e valores que mais tarde se reflectirão em outros contextos, mas também que cumpram as suas funções atendendo às necessidades dos filhos a nível biológico, psicológico, cognitivo, afectivo, social e moral (Rodrigo & Palacios, 2008).



A sociedade actual expõe a família a novas exigências. Foram inúmeras as mudanças que o conceito de família sofreu, mas são também várias as novidades a que os pais tiveram de se adaptar na educação dos seus filhos. Referimo-nos ao contacto permanente com as novas tecnologias e, com elas, o surgir das novas formas de brincar – “o brincar virtual”, ao acesso fácil à informação nem sempre proveitosa, ao aumento da exposição pessoal à violência exibida na TV e nos videojogos e à facilidade que as crianças têm em envolverem-se em comportamentos de risco. Por outro lado, o mundo actual é agora mais competitivo, com mais diferenças sociais e, como sabemos, os pais dispõem de menos tempo para estarem e educarem os seus filhos.

Neste sentido, a investigação relativa ao estudo dos estilos educativos parentais e a forma de como estes são vistos pelas próprias crianças poderá ser um meio de perceber como se pode potenciar a qualidade da função educativa, uma vez que esta se mostra também como factor primordial de prevenção. Desta forma, são numerosos os estudos científicos que evidenciam a necessidade de conhecer e compreender os comportamentos parentais, nomeadamente os estilos educativos parentais e as práticas educativas parentais.

Darling e Steinberg (1993) tiveram uma importante contribuição ao reflectirem sobre a importância da diferenciação entre práticas educativas parentais e estilos educativos parentais. As práticas educativas parentais foram definidas como “um conjunto de comportamentos que os educadores adoptam procurando atingir objectivos específicos ao nível da socialização da criança” (Darling & Steinberg, 1993, p.488). Os mesmos autores entendem estilos educativos parentais como “uma constelação de atitudes transmitidas à criança, que favorecem a criação de um clima emocional, no qual os comportamentos parentais são levados à prática” (Darling & Steinberg, 1993, p.488). Os estilos educativos parentais apresentam-se como mais complexos e podem ser inferidos através das práticas educativas parentais que visam atingir determinado objectivo, mas também através de outros aspectos do comportamento parental que comunicam a relação afectiva, mas que não pretendem atingir objectivos específicos na socialização (Darling & Steinberg, 1993).

No estudo dos estilos educativos parentais devemos ter em conta duas abordagens – a abordagem tipológica e a abordagem dimensional.

Nas duas tipologias mais referenciadas pela literatura temos: a tipologia de Baumrind e a tipologia quadripartida de Maccoby e Martin.

Os estudos de Baumrind contribuíram notavelmente para o estudo do comportamento parental. A autora apresenta uma abordagem tipológica ou configuracional para definir os estilos educativos parentais, argumentando que um aspecto do comportamento parental depende da configuração de outros aspectos, esclarecendo, de forma particular, como diferentes formas de controlo se associam ao funcionamento em diferentes etapas do desenvolvimento (Pereira, 2007).

Nos seus complexos estudos sobre os estilos educativos parentais, Baumrind (1967, 1968, 1971; Baumrind, 1991 cit. in Pereira, Canavarro, Cardoso, & Mendonça, 2009) identifica três principais padrões de comportamento parental que passaremos a descrever: o estilo apoiante com autoridade/autorizado, o estilo autoritário e o estilo permissivo.

No estilo *apoiantes com autoridade/autorizado*, os pais tendem a ser mais racionais, encorajando a troca de ideias, sendo desta forma responsivos face às necessidades da criança, mas também estabelecem limites e regras (Baumrind, 1967, 1968, 1971).

No padrão *autoritário*, os pais tendem a ser mais controladores e tentam moldar a criança de acordo com um padrão rígido de comportamento. Estes pais focam-se na transmissão de valores como o respeito pela autoridade e aceitação da palavra parental, se a criança não obedece e entra em conflito, os pais tendem a usar a punição e a coerção, não encorajando a troca de palavras (Baumrind, 1967, 1968, 1971).

Os pais *permissivos* são afectuosos, mas pouco exigentes e controladores e, desta forma, não estabelecem muitas restrições para um comportamento adequado (Baumrind, 1971).

No segundo momento de avaliação na sua investigação longitudinal com crianças em idade escolar, Baumrind acrescentou dois protótipos aos já referidos – *Rejeitante-negligente* e *tradicional*. Relativamente ao estilo *Rejeitante - negligente* os pais apresentam níveis baixos de exigência, de responsividade e de preocupação em relação às necessidades dos filhos (Baumrind, 1968; Baumrind, 1991 cit. in Pereira et

al., 2009). No protótipo tradicional as mães são geralmente, mais responsivas, mas menos exigentes, e os pais menos responsivos mas muito mais exigentes (Pereira, 2007). O tipo *apoiente com autoridade* revelou ser o estilo mais associado positivamente com a competência da criança, em função do género e das várias fases de desenvolvimento das crianças (pré-escolar, idade escolar e adolescência), uma vez que estas se mostravam mais assertivas e responsáveis (Baumrind, 1967, 1971; Baumrind, 1991 cit. in Pereira et al., 2009).

Maccoby e Martin (1983), procuraram conciliar a abordagem de Baumrind com base em duas funções do comportamento parental: responsividade (*responsiveness*) e exigência (*demandingness*). A dimensão responsividade compreende atitudes parentais de aceitação e aprovação do filho através de comportamentos de apoio e encorajamento, enquanto que a segunda dimensão – exigência - inclui atitudes dos pais que envolvem o controlo do comportamento dos filhos e imposição de limites e regras.

A abordagem tipológica apresenta como vantagens o facto de permitir identificar uma complexidade de comportamentos parentais e associá-los entre si (Pereira, 2007). Por outro lado, evidencia os efeitos das interacções entre variáveis, ou seja a forma como o efeito de determinada dimensão do comportamento é afectada pelos níveis de outra dimensão do comportamento (Cruz, 2005). No entanto, ao exercer a configuração de práticas e estilos parentais, não nos permite perceber quais são as dimensões do comportamento parental que revelam efeitos positivos nos resultados a que nos dispomos estudar (Cruz, 2005; Darling & Steinberg, 1993).

Para que possamos identificar quais as dimensões e a sua contribuição distinta em determinados comportamentos contamos com a abordagem *dimensional*, tomada como base do presente estudo. Relativamente à abordagem *dimensional*, devemos referir que existe uma falta de consenso por parte dos estudos face às dimensões necessárias quando atendemos ao comportamento parental e aos estilos educativos parentais. No entanto, podemos dizer que duas dimensões são subordinantes na literatura – o suporte e o controlo (Cummings et al., 2000; Darling & Steinberg, 1993; Kuppens, Gritens, Onghena & Michaels, 2009; Maccoby & Martin, 1983).

O suporte está relacionado com a afectividade presente na relação entre pais e filhos, marcada pelo envolvimento positivo, a disponibilidade afectiva e a

responsividade parental, capazes de promover competências de socialização na criança (Kuppens et al., 2009; Pereira, 2007). É também conhecida por outros conceitos, como: amor/hostilidade, aceitação/rejeição, envolvimento emocional/desligamento (Maccoby & Martin, 1983). Rhoner (2004) propõe que a dimensão de afecto é composta por comportamentos de aceitação parental, podendo ser estes físicos ou verbais, e comportamentos de rejeição. Aos comportamentos de rejeição correspondem os tipos: hostilidade/agressão física ou verbal; indiferença ou negligência e rejeição indiferenciada.

Os estudos empíricos respeitantes à abordagem dimensional demonstram que a dimensão afecto/suporte exerce no seu global efeitos mais positivos ao nível do ajustamento na infância, estando desta forma associada a níveis menores de psicopatologia (Gruner, Muris, & Merckelbach, 1999; Muris, Meesters, Morren, & Moorman, 2003). Por outro lado, a rejeição parece estar amplamente associada a efeitos negativos no ajustamento da infância. Desta forma, os níveis mais elevados de rejeição estão associados a níveis mais elevados de ansiedade (Brown & Whiteside, 2008; Muris, Meesters, Merckelbach, & Hulsenbeck, 2000), problemas de internalização e externalização (Alonso et al., 2004; Muris et al., 2003; Roelofs, Meesters, Huurnee, Bamelis, & Muris, 2006) e agressividade na infância e adolescência (Muris et al., 2003).

O controlo, definido por Rollin e Thomas (1979 cit. in Canavarro & Pereira, 2007a) por tentativa de controlo, remete-nos para o comportamento parental que pretende orientar o comportamento da criança de acordo com aquilo que os pais desejam, reduzindo os comportamentos negativos. Devemos ter em conta dois tipos elementares de controlo parental, o controlo comportamental e o controlo psicológico, uma vez que alguns estudos reflectem sobre a importância da sua distinção e na associação destes a problemas emocionais e comportamentais diferentes (Muris et al., 2000; Muris et al., 2003). Ao controlo comportamental, em particular, estão ligados comportamentos de gestão do comportamento da criança, manifestando-se através: da comunicação de regras, da disciplina, da monitorização e da supervisão (Cummings et al., 2000).

Os efeitos da dimensão de controlo dependem igualmente da etapa de desenvolvimento que a criança se encontra, uma vez que nas amostras de adultos não são observadas associações entre o controlo e as restantes dimensões do comportamento

parental, ou aparece relacionada negativamente com o suporte emocional (Arindell, Emmelkamp, Monsma, & Brilman, 1983). O contrário acontece em amostras de crianças, existindo uma maior correlação com as restantes subescalas e particularmente com o suporte emocional (Canavarro & Pereira, 2007a; Markus, Lindhoud, Boer, Hoogendijk, & Arrindell, 2003). Desta forma, as crianças em idade escolar tendem a interpretar os comportamentos de protecção e de controlo como uma manifestação de envolvimento e afecto por parte dos pais (Castro et al., 1993; Markus et al., 2003; Muris, Bosma, Meesters & Shouten, 1997).

Tendo em conta a revisão de estudos, o controlo tende a ter mais efeitos negativos, uma vez que níveis mais elevados na percepção do controlo se encontram positivamente associados à ansiedade social (Bögels, Annemarie, Muris, & Smulders, 2001), ansiedade de separação (Molfrad, Abdullah, & Samah, 2009) e sintomatologia ansiosa (Grüner, Muris, & Merckelbach, 1999; Muris & Merckelbach, 1998). Em amostras de adolescentes o controlo está também associado a problemas de internalização e externalização (Muris et al., 2003) e a uma maior agressividade e hostilidade (Muris, Meesters, Morren, Moorman, 2004). No estudo de Alonso et al. (2004) não foram, no entanto, encontradas associações entre a dimensão de controlo e a perturbação obsessivo-compulsiva.

Como já foi referido, a família é para a criança a base para a sua organização enquanto indivíduo, e é a partir destas interações familiares que a criança compreende e estabelece as suas interações com o meio que a envolve. Neste sentido, a entrada dos filhos para a escola representa uma mudança nas relações do sistema familiar com um novo sistema – o escolar. Esta mudança funciona como o primeiro grande teste à família no que respeita o cumprimento da sua função externa de socialização e adaptação e, correlativamente, da função interna de promoção da autonomia e da individualidade exigidas à criança no sistema escolar (Alarcão, 2006; Relvas, 1996). Aos pais é pedido que continuem a funcionar como contentores e protectores dos filhos, no entanto é necessário proporcionarem igualmente uma autonomização crescente através da negociação de regras e normas, sendo preponderante a comunicação dos pais com as crianças e com os restantes subsistemas envolvidos (Alarcão, 2006; Relvas, 1996). Isto é, são exigidas tarefas de diferenciação ao nível interno e, concomitantemente, uma maior abertura ao exterior.

Tendo em conta esta questão comunicacional, percebemos que nesta fase do desenvolvimento é importante contar com diferentes informadores na avaliação do comportamento parental. A este nível, os estudos demonstram existirem correlações baixas a moderadas entre as percepções dos estilos educativos parentais percebidos pelos pais e filhos (Nollar & Callan, 1988; Tein, Roosa & Michaels, 1994). No entanto, é importante salientar que as percepções que as crianças têm dos seus pais em relação ao comportamento parental podem ser ainda mais importantes do que o próprio comportamento real, na medida em que são influenciadas pelas suas crenças e valores e assim causarão um maior impacto na maior ou menor competência da criança (Arrindell, Gerlsma, Vandereycken, Hegeman, & Daeseleire, 1998; Rupin, Nelson, Hastings & Asendorf, 1999).

Na perspectiva da psicologia do desenvolvimento, o comportamento parental funciona como um processo transaccional que, não só, influencia o comportamento da criança, como é influenciado pela criança em desenvolvimento e pelos sistemas extra familiares e ecológicos em que determinada relação pais-filhos se inscreve (Cummings et al., 2000; Maccoby & Martin, 1983). A este respeito Belsky (1984,1993) fala-nos de três fontes principais de influência no seu modelo dos determinantes do comportamento parental, são eles: o desenvolvimento ontogenético e recursos psicológicos dos pais; a criança e as suas características e o suporte social.

No que diz respeito à consideração dos estilos educativos parentais do pai e da mãe, por exemplo, apercebemo-nos da existência de uma importante discussão promovida pelos dados empíricos. Ainda que inicialmente o estudo das relações afectivas se tenha apenas centrado, na relação entre mãe e filho, a figura do pai é cada vez mais considerada como uma figura significativa. Maccoby e Martin (1983) referem que ambos os pais são figuras de vinculação importantes nos primeiros anos de vida e ambos têm um envolvimento relevante na socialização da criança e do adolescente. É ainda sublinhado por estes autores o facto de mães e pais poderem desempenhar diferentes papéis no comportamento parental (Maccoby & Martin, 1983). No estudo de Tein, Roosa e Michaels (1994) são encontradas correlações moderadas a altas entre a percepção da criança sobre o comportamento parental do pai e da mãe, no sentido em que as crianças que se sentem mais aceites pela sua mãe tendem, igualmente, a sentir uma maior aceitação paterna. No entanto, são vários os estudos que comprovam existir

um maior envolvimento da mãe no comportamento parental (Castro et al., 1997; Canavarro & Pereira, 2007a; Forehand & Nousiainen, 1993; Muris & Merckelbach, 2000; Paulson & Sputa, 1996; Russel & Russel, 1987; Shek, 2000).

Relativamente às características da criança, os estudos apoiam que existem diferenças nas percepções dos estilos educativos parentais em relação ao género feminino e masculino. Nas crianças do género feminino tende a existir uma menor percepção de rejeição e tentativa de controlo (Canavarro & Pereira, 2007a; Canavarro & Pereira, 2007b) e uma maior percepção de suporte emocional (Cox, 1970; Markus et al., 2003; Roelofs et al., 2006). Por outro lado, foi analisada uma maior rejeição em relação a ambos os progenitores pelas crianças do género masculino, nomeadamente no estudo de Muris et al. (2000). Acrescente-se que os pais também tendem a perceber uma maior rejeição em relação aos filhos do género masculino (Pereira, 2007b). Foram igualmente observadas diferenças significativas entre o género feminino e masculino em amostras de adolescentes (Castro, Toro & Valdés, 1999; Muris et al., 2003). Roelofs et al. (2006) vão mais longe nesta associação e concluem que a presença de factores negativos nos pais tendem a ter mais impacto nos sintomas internalizantes e externalizantes nos rapazes, enquanto as raparigas são mais influenciadas pela presença desses factores nas mães (Roelofs et al., 2006).

Quanto à idade da criança, é em relação às crianças mais novas que as mães percebem fornecer um maior suporte emocional, ao mesmo tempo que exercem uma menor tentativa de controlo (Canavarro & Pereira, 2007b). Na percepção da criança mais nova existe igualmente um maior envolvimento dos pais, que é verificável pelas pontuações mais elevadas nas três dimensões do comportamento parental avaliadas pelo EMBU-C – suporte emocional, tentativa de controlo e rejeição (Canavarro & Pereira, 2007a). Este facto justifica a necessidade de um maior acompanhamento e supervisão parental em relação às crianças mais novas.

Ainda em relação à dimensão tentativa de controlo, Roelofs et al. (2006) concluíram que a criança mais velha tendia a perceber um menor controlo por parte da mãe e do pai. No mesmo sentido, Muris et al. (2003) numa amostra com adolescentes referem que adolescentes mais velhos tendem a perceber um menor suporte emocional por parte dos progenitores. Podemos concluir, então, que as crianças mais

jovens tendem a perceber, em relação aos progenitores, níveis mais elevados de suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo por parte dos pais.

Em conclusão, se é verdade que as estratégias utilizadas pelos pais influenciam a forma como os seus filhos se desenvolvem e se relacionam com o outro, não é menos verdade que, tal como referem Cummings et al. (2000), o modo como os pais executam a sua função parental pode ser muito diversificada, não existindo um estilo educativo parental óptimo.

## **Objectivos**

O interesse deste estudo que aborda a qualidade dos estilos educativos parentais percebidos por pais e filhos decorre da importância que esta análise tem na relação entre pais e filhos. Este estudo empírico está integrado, como linha de investigação, no projecto de doutoramento intitulado “Influência dos estilos educativos parentais na qualidade de vinculação de crianças em idade escolar em diferentes tipos de família” desenvolvido pela Mestre Sónia Simões, co-orientadora desta dissertação.

Neste sentido, o objectivo principal do presente estudo consiste em avaliar a percepção de mães e filhos relativamente à qualidade dos estilos educativos parentais. Para tal tentamos esclarecer qual a concordância dos resultados obtidos a partir da aplicação de dois instrumentos (EMBU-C e EMBU-P) que analisam a percepção dos estilos educativos parentais. Isto é, será avaliado o grau de concordância entre as percepções cruzadas dos pais e dos seus filhos relativamente aos estilos educativos parentais. A fim de cumprir este objectivo procedemos à análise comparativa das percepções de pais e filhos relativamente às dimensões afectivas e instrumentais dos estilos educativos parentais, com base nos dados recolhidos a partir do preenchimento de dois instrumentos conceptualmente homólogos e com a mesma composição factorial.

Secundariamente, propomo-nos avaliar qual a influência de variáveis como o género, a idade da criança e o seu comportamento actual na percepção dos estilos educativos parentais por parte da mãe e da criança.



## **Metodologia**

### **Procedimentos**

Tal como foi referido anteriormente, os dados que utilizamos na análise estatística integram a base de dados da tese de doutoramento “Influência dos estilos educativos parentais na qualidade de vinculação de crianças em idade escolar em diferentes tipos de família”. Referimos adiante os procedimentos protocolares que estão inerentes ao projecto referido.

Inicialmente, foram enviados vários pedidos de autorização e colaboração: à Direcção Regional de Educação do Centro (DREC), Comissão Nacional de Protecção de Dados (CNPd), e posteriormente à direcção do Agrupamento de Escolas de Vendas de Ceira. Depois de obtidas as autorizações, foi enviado o protocolo da investigação aos pais. Do protocolo fazia parte o Consentimento Informado (cf. anexo 8), o Questionário Sócio-Demográfico (cf. anexo 9), o EMBU-C (cf. anexo 10) e o EMBU-P (cf. anexo 11).

O EMBU-P foi respondido pelos pais, sendo o EMBU-C aplicado às crianças individualmente. Inicialmente foram explicados às crianças os objectivos da entrevista e assegurada a confidencialidade das respostas. O instrumento foi passado por dois entrevistadores, que explicavam e davam um exemplo. Posteriormente, cada pergunta foi lida em voz alta e a criança respondia tendo como referência a escala de *Likert* que foi desenvolvida para facilitar a visualização e resposta por parte da criança.

### **Análise estatística**

Para o tratamento estatístico dos dados utilizou-se a versão 17.0 do programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*).

Previamente ao estudo correlacional entre escalas e variáveis procurámos perceber se os instrumentos apresentam uma boa consistência interna através do cálculo do *alpha de Cronbach*, que nos permite estimar até que ponto cada item do EMBU-C e EMBU-P mede de forma equivalente o mesmo conceito.

Através do teste de *Kolmogorov-Smirnov* foi também analisada a normalidade da distribuição de cada instrumento (EMBU-C e EMBU-P) para percebermos qual a

estatística a utilizar (cf. anexo 4). Tendo verificado que a distribuição não é normal, optámos por uma estatística não paramétrica. Para avaliar a associação entre duas variáveis intervalares foi utilizado o teste *rho* de *Spearman*. O teste de *Wilcoxon* foi utilizado na análise das diferenças de duas situações em relação ao mesmo sujeito. Para testar as diferenças entre uma variável intervalar e variáveis com dois níveis (género, idade e comportamento actual da criança da criança) foi utilizado o teste *U* de *Mann-Whitney*.

### **Amostra**

A amostra é constituída por 93 crianças e respectivas mães. As crianças pertencentes à amostra frequentavam entre o 1º e o 4º ano de escolaridade do ensino básico de quatro escolas pertencentes ao agrupamento de escolas de Vendas de Ceira. Consideramos o tipo de amostragem accidental ou de conveniência.

A idade das crianças variou entre os 6 e os 10 anos, com uma média de 7.74 anos (DP = 1.15). Este grupo apresentava uma proporção de 52,7% raparigas e 47,3 % rapazes. (cf. Anexo 1).

As mães tinham idades compreendidas entre os 25 e os 46 anos, com uma média de 36.26 anos (DP = 4.68). Ao nível das habilitações literárias, a maioria das mães completou o 3º ciclo ou o ensino secundário (61.95%). A profissão mais frequente situa-se na categoria de “pessoal dos serviços e vendedores” e na sua maioria estão empregadas (84,9%) (cf. anexo 2).

Os pais têm idades compreendidas entre os 29 e 49 anos, com uma média de 38.02 anos (DP = 4.68) e, tal como as mães, as habilitações literárias mais frequentes são o 3º ciclo ou o ensino secundário (56.18%). A maioria dos pais também se encontra empregado, sendo a profissão mais presente a de “operários, artífices e trabalhadores similares” (cf. Anexo 2).

No que diz respeito ao tipo de família, podemos dizer que a maior parte das famílias da amostra pertence a famílias nucleares (87.77%).

### **Instrumentos**

#### Questionário Sócio - Demográfico

O Questionário foi construído com a finalidade de avaliar as variáveis sócio-demográficas da amostra em estudo. Na primeira parte pretende-se obter a caracterização dos participantes e do seu agregado familiar. A segunda parte aborda questões sobre os antecedentes da criança como: o período de gravidez, saúde, desenvolvimento e comportamento (cf. anexo 9).

#### *Egna Minnen Beträffande Uppfostram -Crianças (EMBU-C)*

O EMBU-C foi criado a partir do instrumento original EMBU (*Egna Minnen Beträffande Uppfostram* de Perris, Jacobosson, Lindstrom, von Knorring & Perris, 1980) sendo este um instrumento de auto-resposta, cujo objectivo é aceder à percepção dos adultos face às práticas educativas parentais. O EMBU-C (Castro, Toro, van der Ende & Arrindell, 1993; versão portuguesa Canavarro & Pereira, 2007a) foi desenvolvido com o objectivo de avaliar os estilos educativos parentais percebidos pela criança enquanto esta ainda vive com os pais.

O EMBU-C avalia a percepção das crianças em idade escolar (6-12 anos) em relação aos estilos educativos parentais do pai e da mãe separadamente, numa escala de *Likert*, de 4 pontos, (1. “Não nunca”; 2. “Sim, às vezes”; 3. “ Sim, frequentemente” e 4. “Sim, sempre”), compreendendo um total de 42 itens. É atribuída uma cotação de 1 a 4 a cada item respondido e o resultado para cada uma das escalas é obtido através do somatório dos seus itens constituintes (Canavarro & Pereira, 2007a). Este instrumento avalia três dimensões: *suporte emocional*, *tentativa de controlo* e *a rejeição*.

A primeira dimensão – *suporte emocional* - é composta por 14 itens (1,3,7,9,12,13,14,16,20,21,24,27,29,32) e refere-se à disponibilidade afectiva e física dos progenitores, bem como à comunicação dos afectos e a comportamentos que manifestam aceitação da criança por parte dos pais (Canavarro & Pereira, 2007a). Estes comportamentos induzem um sentimento de confiança e fazem-na sentir aceite pelos pais (Rollin & Thomas, 1979 cit. in Canavarro & Pereira, 2007a).

Relativamente à segunda dimensão – *rejeição* - esta é composta por 8 itens (5,10,11,17,25,26,28,31) que avaliam a percepção da criança de hostilidade física e verbal para consigo (Canavarro & Pereira, 2007a). Estes comportamentos de rejeição interpretados como a expressão da tentativa modificação da vontade dos filhos, é vivida

por estes últimos como uma atitude rejeitante por parte dos pais (Rollin & Thomas, 1979 cit. in Canavarro & Pereira 2007a).

Por último, a dimensão *tentativa de controlo*, avaliada por 10 itens (4,5,6,8,15,18,19,22,23,30), refere-se às atitudes parentais que têm por objectivo orientar o comportamento dos filhos de modo a que este esteja de acordo com os seus valores (Canavarro & Pereira, 2007a). Estes podem incluir: a indução de culpa e comportamentos de sobreprotecção para com a criança.

É ainda importante referir que a versão portuguesa do instrumento revela características psicométricas satisfatórias. Foi realizada a análise de consistência interna, e os valores do coeficiente *alpha* de *Cronbach* obtidos são semelhantes aos da versão original e, considerando o número de itens que compõem cada uma das escalas, são considerados aceitáveis para fins de investigação (valores entre 0,62 e 0,85) (Canavarro & Pereira, 2007a). A estabilidade temporal do instrumento foi ainda avaliada através do cálculo do coeficiente de correlação de *Pearson* entre os resultados de duas aplicações (teste e reteste) a um subgrupo da amostra e sugerem a boa estabilidade temporal das diferentes subescalas (Canavarro & Pereira, 2007a).

A consistência interna do EMBU-C foi também avaliada no nosso estudo, através do *alpha* de *Cronbach*.

Tabela 1. Consistência interna do EMBU-C (*alpha* de *Cronbach*)

EMBU-C	Pai Amostra do estudo	Pai (Canavarro & Pereira, 2007b)	Mãe Amostra do estudo	Mãe (Canavarro & Pereira, 2007b)
Suporte emocional	0,77	0,85	0,77	0,83
Rejeição	0,65	0,62	0,69	0,63
Tentativa de controlo	0,59*	0,65	0,53	0,63

\*Se forem retirados os itens 5, 15 e 30.

Ao observarmos a Tabela 1 verificamos valores abaixo daqueles que são considerados normativos na subescala *tentativa de controlo*. Este facto poderá ficar a dever-se ao N reduzido da nossa amostra relativamente aos outros estudos que utilizaram o mesmo instrumento. A subescala *tentativa de controlo* apresenta igualmente uma menor correlação inter-item (Castro et al., 1993; Muris et al., 1997;

Markus et al., 2003). Concluímos, portanto, que os valores recolhidos no estudo deste instrumento validam a fiabilidade da versão portuguesa do instrumento e são aceitáveis para efeitos de investigação.

#### *Egna Minnen Beträffande Uppfostram - Pais (EMBU-P)*

A versão Portuguesa do EMBU-P foi desenvolvida a partir da versão original de EMBU (*Egna Minnen Beträffande Uppfostram*) de Arrindell e colaboradores (1983), com o objectivo de avaliar a percepção dos pais sobre os seus estilos educativos parentais relativamente à criança (Canavarro & Pereira, 2007b).

A adaptação portuguesa do EMBU-P apresenta uma estrutura equivalente à versão original, no que respeita à dimensão suporte emocional, e parcialmente equivalente face às dimensões rejeição e tentativa de controlo (Canavarro & Pereira, 2007b). Esta versão do EMBU-P é composta por um total de 42 itens organizados em três escalas: *suporte emocional* (14 itens – 1; 10; 16; 20; 21; 22; 27; 28; 30; 32; 36; 40; 41; 42), *rejeição* (17 itens – 2; 4; 5; 8; 11; 12; 13; 14; 17; 18; 25; 31; 33; 34; 35; 37; 38) e *tentativa de controlo* (11 itens – 3; 6; 7; 9; 15; 19; 23; 24; 26; 29; 39). É pedido aos pais para responderem a cada item, e estes são avaliados numa escala tipo *Likert* de quatro pontos (1. “Não nunca”; 2. “Sim, às vezes”; 3. “Sim, frequentemente” e 4. “Sim, sempre”). É atribuída uma cotação de 1 a 4 a cada item respondido e o resultado para cada uma das escalas é obtido através do somatório dos seus itens constituintes (Canavarro & Pereira, 2007b).

A escala de *suporte emocional* é constituída por itens que reflectem o tipo de comportamento que é exibido pelos seus pais, a sua disponibilidade física (e.g. beijar, abraçar, acariciar) e psicológica (e.g. elogiar, conversar, mostrar interesse), de aceitação em relação à criança (Canavarro & Pereira, 2007b), confirmando à criança que esta é aceite e aprovada enquanto indivíduo.

Por outro lado, a escala de *rejeição* contém itens cujo conteúdo remete para comportamentos hostis, agressivos verbais e físicos e a não-aceitação da criança, já que estes estão dirigidos à alteração de comportamentos por parte dos filhos (Canavarro & Pereira, 2007b).

Por fim, a escala *tentativa de controlo* é composta por itens que fornecem informação sobre o tipo de acção parental que tende a fazer com que a criança corresponda às expectativas dos pais, nomeadamente comportamentos e intenções dos pais controlarem os filhos, manifestações de exigência e preocupação com o bem-estar (Canavarro & Pereira, 2007b).

Os níveis de consistência interna obtidos na adaptação portuguesa para as escalas suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo são aceitáveis, tendo em conta que os valores do coeficiente *alpha de Cronbach* de .82, .74, .71 (Canavarro & Pereira, 2007b). No presente estudo, foram igualmente obtidos coeficientes de *alpha de Cronbach* razoáveis para fins de investigação: .83 para o suporte emocional, .75 para a escala rejeição e .65 para a escala tentativa de controlo.

Tabela 2. Consistência interna do EMBU-P (*alpha de Cronbach*)

EMBU-P	Mãe (Amostra do estudo)	Mãe (Canavarro & Pereira, 2007b)
Suporte emocional	0,83	0,82
Rejeição	0,75	0,74
Tentativa de controlo	0,65	0,71

Como podemos observar na Tabela 2, os valores de *alpha de Cronbach* obtidos para a amostra em estudo foram adequados para efeitos de investigação.

## Resultados

Com a finalidade de estudarmos a relação entre a percepção dos estilos educativos parentais de mães e filhos e as restantes variáveis, recorremos a provas estatísticas não paramétricas. Tal como foi referido anteriormente, esta decisão deveu-se ao facto de a distribuição dos resultados das subescalas ser, na sua maioria, estatisticamente diferente da curva normal (cf. anexo 4). Serão, então, apresentados inicialmente os resultados relativos à correlação entre a percepção da mãe e da criança acerca dos estilos educativos parentais e posteriormente, os resultados sobre a relação entre algumas variáveis estudadas (género, idade e comportamento actual da criança) referentes à percepção materna e da criança sobre os estilos educativos parentais.

*Correlação entre a percepção da mãe e da criança acerca dos estilos educativos parentais*

O estudo da correlação entre as percepções das mães e dos seus filhos relativamente aos estilos educativos parentais evidencia que não existe correlação estatisticamente significativa nas dimensões relativas ao suporte emocional e rejeição. Existe, no entanto, uma correlação positiva entre a percepção da mãe da dimensão tentativa de controlo e percepção da criança acerca do controlo materno ( $\rho = .220$ ;  $p < 0.05$ ) e paterno ( $\rho = .226$ ;  $p < 0.05$ ). É, ainda, identificável uma correlação negativa entre a percepção de suporte emocional paterno por parte da criança e a percepção materna de rejeição ( $\rho = -.216$ ;  $p < 0.05$ ).

Tabela 3. Correlação entre as dimensões do estilo educativo parental avaliado pela criança e pela mãe

EMBU-C \ EMBU-P			
	Suporte Emocional	Rejeição	Tentativa de controlo
Suporte Emocional (Pai)	.063	<b>-.216*</b>	.109
Suporte Emocional (Mãe)	.034	-.159	.068
Rejeição (Pai)	-.011	-.010	.032
Rejeição (Mãe)	.025	.016	.017
Tentativa de Controlo (Pai)	-.068	.026	<b>.226*</b>
Tentativa de Controlo (Mãe)	-.124	.127	<b>.220*</b>

\* $p < 0.05$

*Correlações entre subescalas do EMBU-P*

A análise das correlações entre as subescalas do EMBU-P, indica que existem associações positivas entre as subescalas rejeição e tentativa de controlo ( $\rho = .255$ ;  $p < .05$ ) e associações negativas entre as subescalas suporte emocional e rejeição ( $\rho = -.436$ ;  $p < 0.01$ )

Tabela 4. Correlações entre subescalas do EMBU-P

	Suporte Emocional	Rejeição	Tentativa de Controlo
Suporte Emocional	-----	<b>-.436**</b>	.109
Rejeição	-----	-----	<b>.255*</b>

\*\* $p < 0.01$ ; \* $p < 0.05$

*Correlações entre subescalas do EMBU-C*

Em relação ao estudo da correlação entre subescalas do EMBU-C, observam-se associações fortes e positivas entre as três dimensões dos estilos educativos parentais avaliados para o pai e para a mãe. Assim, o suporte emocional paterno correlaciona-se com o suporte emocional materno ( $\rho = .797$ ;  $p < 0.01$ ), a rejeição paterna correlaciona-se com a rejeição materna ( $\rho = .883$ ;  $p < 0.01$ ) e a tentativa de controlo paterna correlaciona-se com a tentativa de controlo materna ( $\rho = .787$ ;  $p < 0.01$ ).

O suporte emocional paterno correlaciona-se mais com a tentativa de controlo paterna ( $\rho = .327$ ;  $p < 0.01$ ) do que com a tentativa de controlo materna ( $\rho = .239$ ;  $p < 0.05$ ). Por seu lado, o suporte emocional materno correlaciona-se mais com a tentativa de controlo materno ( $\rho = .350$ ;  $p < 0.01$ ) em comparação com a tentativa de controlo paterno ( $\rho = .309$ ;  $p < 0.01$ ).

Todavia, a percepção da rejeição paterna por parte da criança correlaciona-se também com a percepção da tentativa de controlo paterno ( $\rho = .375$ ;  $p < 0.01$ ) e materno ( $\rho = .333$ ;  $p < 0.01$ ). Da mesma forma, a percepção da rejeição materna correlaciona-se igualmente com a percepção da tentativa de controlo paterna ( $\rho = .290$ ;  $p < 0.01$ ) e materna ( $\rho = .290$ ;  $p < 0.01$ ).

Tabela 5. Correlação entre subescalas do EMBU-C

	Suporte Emocional (Pai)	Suporte Emocional (Mãe)	Rejeição (Pai)	Rejeição (Mãe)	Tentativa de Controlo (Pai)	Tentativa de Controlo (Mãe)
Suporte Emocional (Pai)	-----	<b>.797**</b>	-.092	-.120	<b>.327**</b>	<b>.239*</b>
Suporte Emocional (Mãe)	-----	-----	-.107	-.186	<b>.309**</b>	<b>.350**</b>
Rejeição (Pai)	-----	-----	-----	<b>.883**</b>	<b>.375**</b>	<b>.333**</b>
Rejeição (Mãe)	-----	-----	-----	-----	<b>.290**</b>	<b>.290**</b>
Tentativa de Controlo (Pai)	-----	-----	-----	-----	-----	<b>.787**</b>

\*\* $p < 0.01$ ; \* $p < 0.05$



*Diferenças na percepção da mãe sobre os estilos educativos parentais em função do género da criança*

A aplicação do teste *U de Mann-Whitney* permitiu verificar que não existem diferenças significativas dos estilos educativos parentais em função do género da criança (cf. anexo 5).

*Diferenças entre a percepção materna dos estilos educativos parentais em função da idade da criança*

Como se pode observar na Tabela 5, não existem diferenças estatisticamente significativas dos estilos educativos em relação à idade da criança.

Tabela 6. Diferenças na percepção da mãe dos estilos educativos parentais em função da idade da criança

	6-8 anos		9-10 anos			
	Média	DP	Média	DP	U	P
EMBU-P - Suporte Emocional	48.89	4.70	46.66	5.34	677.500	.070
EMBU-P – Rejeição	27.24	4.45	28.14	5.47	804.500	.463
EMBU-P - Tentativa de Controlo	30.42	3.83	30.03	5.07	817.000	.529

*Diferenças entre a percepção materna dos estilos educativos parentais em função do comportamento actual da criança*

A variável comportamento actual da criança foi recodificada de modo a obtermos duas categorias: sem problemas de comportamento (calma/sossegada) e presença de problemas de comportamento (tímida; conflituosa/agressiva; teimosa e rebelde; inibida; passiva/dependente e triste).

Através da aplicação do teste *U de Mann-Whitney* podemos analisar diferenças estatisticamente significativas nas dimensões suporte emocional ( $U = .580$ ;  $p = .029$ ), rejeição ( $U = .555$ ;  $p = .016$ ). Desta forma, é possível concluirmos que as mães têm a percepção de que apoiam mais os seus filhos quando estes não apresentam problemas de comportamento ( $M = 48.98$ ), ao passo que percebem uma maior rejeição ( $M = 29.84$ ) em relação aos filhos que apresentam problemas.

Tabela 7. Diferenças entre a percepção da mãe dos estilos educativos parentais em função do comportamento actual da criança

	Sem Problemas de Comportamento		Problemas de Comportamento		U	P
	Média	DP	Média	DP		
EMBU-P - Suporte Emocional	48.98	4.59	46.76	4.69	<b>580.000</b>	<b>.029</b>
EMBU-P - Rejeição	26.53	4.58	29.84	4.39	<b>555.000</b>	<b>.016</b>
EMBU-P - Tentativa de Controlo	29.87	4.14	31.60	4.14	634.500	.089

*Diferenças na percepção da criança sobre os estilos educativos parentais em função do género da criança*

O teste *U de Mann-Whitney* permite verificar que não foram encontradas diferenças significativas na percepção da criança dos estilos educativos parentais em função do género da criança (cf. anexo 6).

*Diferenças na percepção da criança sobre os estilos educativos do pai e da mãe*

O teste de *Wilcoxon* indica a presença de diferenças significativas nas dimensões suporte emocional ( $Z = -2.544$ ;  $p = .011$ ) e tentativa de controlo ( $Z = -5.526$ ;  $p = .000$ ) em função da percepção da criança acerca dos estilos educativos materno e paterno. Deste modo, podemos dizer que as crianças percebem níveis mais elevados de suporte emocional e de tentativa de controlo por parte da mãe comparativamente ao pai.

Tabela 8. Diferenças na percepção da criança dos estilos educativos do pai e da mãe

	Média	DP	Z	P
EMBU-C - Suporte Emocional (Pai)	44.56	6.64		
EMBU-C - Suporte Emocional (Mãe)	45.46	6.12	<b>-2,544</b>	<b>.011</b>
EMBU-C - Rejeição (Pai)	12.13	3.46		
EMBU-C - Rejeição (Mãe)	12.35	3.70	-.775	.438
EMBU-C - Tentativa de Controlo (Pai)	22.30	4.67		
EMBU-C - Tentativa de Controlo (Mãe)	24.33	4.73	<b>- 5,526</b>	<b>.000</b>

*Diferenças na percepção da criança dos estilos educativos parentais em função da idade da criança*

Como se pode observar na Tabela 8, verificam-se diferenças estatisticamente significativas na percepção da criança sobre os estilos educativos parentais em função da sua idade, na dimensão rejeição do pai ( $U = 586.500$ ;  $p = .018$ ) e rejeição da mãe ( $U = 587.500$ ;  $p = .018$ ). Desta forma, as crianças mais novas percebem uma maior rejeição em relação a ambos os progenitores, nomeadamente da mãe ( $M = 12.87$ ) e do pai ( $M = 12.48$ ), em comparação com crianças mais velhas que em relação à mãe ( $M = 11.03$ ) e ao pai ( $M = 11.23$ ).

Tabela 9. Diferenças na percepção da criança dos estilos educativos parentais em função da idade da criança

	6-8 anos		9-10 anos		U	P
	Média	DP	Média	DP		
EMBU-C - Suporte Emocional (Pai)	43.89	6.60	46.26	6.58	661.000	.087
EMBU-C - Suporte Emocional (Mãe)	45.19	5.98	46.15	6.54	774.500	.468
EMBU-C - Rejeição (Pai)	12.48	3.19	11.23	4.01	<b>586.500</b>	<b>.018</b>
EMBU-C - Rejeição (Mãe)	12.87	3.87	11.03	2.90	<b>587.500</b>	<b>.018</b>
EMBU-C - Tentativa de Controlo (Pai)	22.59	4.69	21.57	4.64	729.500	.264
EMBU-C - Tentativa de Controlo (Mãe)	24.66	4.96	23.50	4.08	717.500	.222

*Diferenças entre a percepção da criança dos estilos educativos parentais em função do comportamento actual da criança*

O teste U de *Mann-whitney* indica que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre a percepção da criança dos estilos educativos parentais em função do seu comportamento actual (Cf. anexo 7).

## Discussão

Tal como referimos no enquadramento teórico, a literatura revela a existência de correlações baixas a moderadas entre os estilos educativos parentais percebidos pelos pais e pelos filhos (Noller & Callan, 1988; Tein, Roosa & Michaels, 1994). Um aspecto interessante do nosso estudo é o facto de ter surgido uma correlação significativa entre mãe e filhos relativamente à tentativa de controlo, o que poderá ser explicado de várias formas. Salientamos, que a tentativa de controlo obteve uma maior associação com as restantes subescalas do instrumento, resultados que são corroborados por outros estudos

que recorrem a amostras de crianças (Canavarro & Pereira, 2007a; Markus et al., 2003), embora o mesmo não se verifique com amostras de populações adultas (Arindell, et al., 1983). Estes resultados sugerem a existência de um significado diferente da tentativa de controlo para a infância (Canavarro & Pereira, 2007a). A dimensão tentativa de controlo é ainda composta por uma maior heterogeneidade de conteúdo, incluindo em simultâneo comportamentos de controlo mais coercivos, que poderão ter um significado mais negativo, assim como comportamentos de controlo que recorrem a estratégias de indução, que aparentam ter uma conotação mais positiva (Castro et al., 1993; Markus et al., 2003; Muris et al., 1997). Desta forma, os comportamentos de controlo e de suporte emocional, que poderão ser vivenciados de uma forma mais invasiva na adolescência e na idade adulta, podem ser interpretados na infância como reveladores de envolvimento e atenção por parte dos pais (Pereira, 2007a). Por outro lado, é ainda importante referirmos que a associação entre a percepção de comportamentos de controlo e de suporte emocional por parte dos progenitores é característica do período de infância, o que pode justificar em parte o nosso resultado (Castro et al., 1993; Markus et al., 2003). As características desta fase de desenvolvimento, nomeadamente o facto de as crianças necessitarem de uma maior orientação e protecção no que se refere aos cuidados parentais e a sua interpretação positiva por parte das crianças de que a tentativa de controlo se refere a um maior envolvimento parental.

No que concerne à validade convergente, uma vez que utilizamos instrumentos homólogos (com a mesma composição factorial, mas de diferente estrutura) na mensuração das dimensões dos estilos educativos parentais - EMBU-C e EMBU-P – esta apenas é significativa para a dimensão tentativa de controlo. Esta dimensão poderá ser analisada como mais instrumental e menos subjectiva em relação às dimensões que remetem para o afecto (suporte emocional e rejeição), o que poderá facilitar a interpretação e o relato por parte de diferentes informadores.

Relativamente ao estudo da correlação entre as subescalas do EMBU-C, foram analisadas correlações altas e positivas entre as três subescalas percebidas em relação ao pai e à mãe, designadamente entre o suporte emocional materno e paterno; rejeição materna e paterna e tentativa de controlo materno e paterno. Por outro lado, a tentativa de controlo paterno e materno correlacionou-se positivamente com as duas restantes subescalas percebidas em relação ao pai e à mãe – suporte emocional e

rejeição. Estes resultados foram igualmente encontrados no estudo da versão portuguesa do EMBU-C de Canavarro e Pereira (2007a) e em outros estudos realizados com as mesmas faixas etárias (Markus et al. 2003).

Foi ainda observado que as crianças percebem, em relação à figura materna, níveis mais elevados de suporte emocional e de tentativa de controlo. Em linha com estes resultados, encontram-se vários estudos que apontam como hipótese o maior envolvimento da mãe no comportamento parental (Castro et al., 1997; Canavarro & Pereira, 2007a; Forehand & Nousiainen, 1993; Paulson & Spota, 1996; Muris & Merckelbach, 2000; Russel & Russel, 1987; Shek, 2000). Este aspecto poderá ser justificado pelas diferenças biológicas e socioculturais entre mãe e pai (Castro et al. 1997).

Apesar destas conclusões, a discussão empírica sobre esta análise é bastante interessante na medida em que o pai é cada vez mais considerado uma figura igualmente importante no comportamento parental. No estudo de Tein, Roosa e Michaels (1994) são encontradas correlações moderadas a altas entre a percepção da criança sobre o comportamento parental do pai e da mãe, no sentido em que as crianças que se sentem mais aceites pela sua mãe tendem igualmente a sentir uma maior aceitação paterna. Os autores referem que este facto poderá estar relacionado com o ambiente familiar, ou seja, a criança que percepcione o seu lar como seguro e caloroso tenderá também a perceber um maior suporte emocional por ambos os progenitores. Maccoby e Martin (1983) salientam ainda que ambos os pais são figuras de vinculação importantes nos primeiros anos de vida e ambos têm um envolvimento relevante na socialização da criança e do adolescente. É também sublinhado por estes autores o facto de mães e pais poderem desempenhar diferentes papéis no comportamento parental (Maccoby & Martin, 1983).

Quando se analisa a percepção materna sobre os estilos educativos parentais, observa-se uma associação negativa e significativa entre as subescalas suporte emocional e rejeição. Por outro lado, foi também encontrada uma associação positiva e significativa entre as subescalas rejeição e tentativa de controlo. O estudo psicométrico da versão portuguesa do EMBU-P de Canavarro e Pereira (2007b) corrobora os nossos resultados, uma vez que foram encontradas associações semelhantes entre subescalas.

Os mesmos resultados foram também encontrados no estudo referente à versão original do EMBU-P desenvolvido por Castro e colaboradores (Castro et al., 1997).

Os resultados obtidos em relação à percepção materna dos estilos educativos parentais em função do género da criança indicam que não existem diferenças estatisticamente significativas. Num estudo realizado por Paiva (2005) com população em idade pré-escolar, verificou-se igualmente não existirem diferenças significativas entre práticas educativas parentais de acordo com o género da criança, estando na mesma linha de conclusões que o nosso estudo. No entanto, num estudo semelhante ao nosso, e já mencionado (Canavarro & Pereira, 2007b), foram observadas apenas diferenças estatisticamente significativas em relação à dimensão rejeição, uma vez que são percepcionados níveis de rejeição mais elevados relativamente aos filhos do género masculino.

Não foram igualmente encontradas diferenças significativas em função do género da criança, na sua percepção sobre os estilos educativos do pai e da mãe. O mesmo resultado foi também observado no estudo de Muris e Merckelbach (1998). Porém, nos estudos de Canavarro e Pereira (2007a), Cox (1970), Markus et al. (2003) e Roelofs et al., (2006) verificou-se uma menor percepção de rejeição e tentativa de controlo e uma maior percepção de suporte emocional para o género feminino. Por outro lado, foi analisada uma maior rejeição em relação a ambos os progenitores pelas crianças do género masculino no estudo de Muris et al. (2000). Foram igualmente observadas diferenças significativas entre o género feminino e masculino num estudo que recorreu ao EMBU para adolescentes (EMUB-A) (Castro, Toro & Valdés, 1999) e com EMBU-C aplicado a amostras de adolescentes (Muris et al., 2003). Devemos então sublinhar, que parecem não existir dados conclusivos ao nível da literatura em relação à influência do género da criança relativamente às dimensões do comportamento parental. Parecendo existir, no entanto, uma maioria de estudos que apontam esta variável como um factor importante na percepção parte da criança e da mãe.

No que diz respeito à relação entre a idade da criança e a percepção da mãe sobre o seu estilo educativo parental não foram obtidas diferenças estatisticamente significativas. No estudo desenvolvido por Canavarro e Pereira (2007b) foi percepcionado por parte das mães uma menor tentativa de controlo e um maior suporte em relação a idades mais jovens. Esta maior percepção de suporte emocional poderá

estar relacionados com o facto de a criança mais nova necessitar preferencialmente deste envolvimento parental na fase de desenvolvimento em que se encontra. Perante esta conclusão, apontamos que a nossa amostra é bastante reduzida ( $n=93$ ), podendo este facto ter influenciado na diferença dos resultados encontrados relativamente a este estudo.

Relativamente à percepção da criança em função da sua idade, os nossos resultados concluem que, quanto mais nova é a criança, maior é a sua percepção de rejeição por parte de ambos os progenitores. No estudo de Canavarro e Pereira (2007a) foi observada esta relação, mas para as três subescalas avaliadas pelo EMBU-C e não apenas para a rejeição. Roelofs et al. (2006) analisaram que a criança mais velha tendia a perceber um menor controlo por parte da mãe e do pai. Muris et al. (2003) numa amostra com adolescentes referem que adolescentes mais velhos tendem a perceber um menor suporte emocional por parte dos progenitores. Podemos concluir assim, que as crianças mais jovens tendem a perceber, em relação aos progenitores, níveis mais elevados de suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo por parte dos pais.

Das análises conduzidas para estudar a percepção da mãe sobre o seu estilo educativo parental em função do comportamento actual da criança, foram encontrados resultados que apoiam que as mães parecem perceber como mais rejeitante o seu comportamento relativamente aos filhos que apresentam problemas de comportamento, ao passo que prestam um maior suporte emocional aos filhos que não evidenciam problemas de comportamento. Estes resultados são apoiados por outros estudos, no sentido em que o suporte e o afecto se encontram associados a uma menor ansiedade (Gruner et al., 1999) e a menos problemas de internalização e externalização na infância e adolescência (Muris et al., 2003). Por outro lado, a rejeição parece estar amplamente associada a efeitos negativos. Ou seja, níveis mais elevados de rejeição estão associados a níveis mais elevados de ansiedade (Brown & Whiteside, 2008; Muris et al., 2000), problemas de internalização e externalização (Alonso et al., 2004; Muris, et al., 2003; Roelofs et al., 2006) e agressividade na adolescência (Muris et al., 2004).

Na análise relativa à relação entre o comportamento da criança e a sua percepção sobre os estilos educativos parentais não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas. No entanto, tal como referimos anteriormente, os estudos indicam uma associação entre a presença de problemas de comportamento, ansiedade e problemas de

internalização e externalização e a percepção da criança sobre os estilos educativos parentais, principalmente em relação às dimensões de rejeição e sobreprotecção (Bögels, Annemarie, Muris, & Smulders, 2001; Grüner, Muris, & Merckelbach, 1999; Muris, & Merckelbach, 1998; Muris et al., 2003; Muris et al., 2004). Mais uma vez, os nossos resultados poderão ter como justificação o facto de termos utilizado uma amostra reduzida.

## **Conclusões**

O presente estudo teve como objectivo principal proceder à análise da concordância entre as percepções de mães e filhos relativamente aos estilos educativos parentais. A tentativa de controlo parece ser a única dimensão do comportamento parental em que há convergência entre os instrumentos utilizados. Este resultado foi bastante interessante, na medida em que, por um lado, boa parte dos estudos empíricos revistos não identificam concordância significativa entre as percepções entre pais e filhos, e, por outro lado, o facto de existir relação apenas na tentativa de controlo parece indicar que existe uma compreensão específica desta dimensão na infância, como foi referido no capítulo de discussão dos resultados.

O estudo ampliou as pesquisas existentes, ao adicionar mais dados empíricos relevantes nesta temática, onde parecem existir poucos estudos relativos ao comportamento parental no período escolar, visto que existe maior bibliografia relativamente à adolescência.

Neste sentido, esta investigação mostra-se ainda relevante por ter recorrido a diferentes informadores, uma vez que a maior parte dos estudos recorre apenas a um informador, ao que se soma a utilização de dois instrumentos conceptualmente homólogos e com a mesma composição factorial – EMBU-C e EMBU-P – para avaliar as principais dimensões dos estilos educativos parentais.

O presente trabalho também aprofundou o conhecimento das qualidades psicométricas do EMBU-P e do EMBU-C, acabando por confirmar a validade destes instrumentos, ao identificar valores de consistência interna adequados para fins de investigação, bem como praticamente a mesma associação entre subescalas em



comparação com os estudos de validação da versão portuguesa e da versão original dos dois instrumentos. Esta investigação avalia igualmente a validade convergente entre o EMBU-P e o EMBU-C, demonstrando existir apenas convergência para a dimensão tentativa de controlo.

A nossa amostra foi composta por crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos, inferiores às do estudo da validação portuguesa, e, neste sentido, pensamos que será importante serem desenvolvidos mais estudos com estas idades, a fim de resolver as dificuldades metodológicas com que nos deparámos com a aplicação do EMBU-C a crianças em início de período escolar.

Para além do objectivo inicial, foram encontradas associações pertinentes entre os estilos educativos parentais, a idade e o comportamento actual da criança.

A relação da idade da criança com a percepção dos estilos educativos parentais, está presente também na literatura revista, na medida em que as crianças mais novas tendem a perceber uma maior rejeição em relação a ambos os progenitores. Relativamente ao comportamento actual, devemos referir que o nosso estudo vai ao encontro dos estudos que referem efeitos negativos no ajustamento e no comportamento quando é percebida uma maior rejeição parental, e efeitos positivos quando existe uma percepção de maior suporte parental. Foram, ainda, encontradas diferenças na percepção da criança em relação os estilos educativos da mãe e do pai, que apontam para um maior envolvimento no comportamento parental por parte da mãe.

Como limitações do nosso estudo devemos apontar o tamanho reduzido da amostra, não sendo esta representativa da população geral, e a sua homogeneidade, uma vez que a maior parte da amostra pertence a uma família nuclear e foi retirada de uma zona rural. Estes aspectos dificultaram a obtenção de resultados mais consistentes e de uma discussão mais abrangente e complexa. Na bibliografia revista não conseguimos encontrar estudos que tivessem utilizado os dois instrumentos em conjunto (EMBU-C e EMBU-P), o que constituiu uma limitação principalmente ao nível da discussão de resultados.

Desta forma, sugerimos a realização de mais estudos que utilizem as percepções cruzadas entre pais e filhos relativamente à qualidade dos estilos educativos parentais, sendo interessante existir mais investigação sobre a validade convergente entre o

EMBU-C e o EMBU-P. Acrescenta-se, também, o interesse em analisar a convergência ou divergência destas percepções em populações clínicas e com outras estruturas familiares.

Por fim, propomos igualmente que sejam desenvolvidos estudos em que seja incluída a percepção do pai sobre os estilos educativos parentais, a fim de que possa também ser analisada a convergência entre as percepções do pai e da mãe relativamente aos seus estilos educativos parentais.

## Referências Bibliográficas

- Alarcão, M. (2006). *Des (equilíbrios) familiares (3ª ed.)*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Alonso, P., Menchón, J., Mataix-Cols, D., Pifarré, J., Urretavizcaya, M., Crespo, J., Jiménez, S., Vallejo, G., & Vallejo, J. (2004). Perceived parental rearing style in obsessive-compulsive disorder: relation to symptom dimensions. *Psychiatry Research*, 127, 267-278.
- Alvarenga, P., & Piccionini, C. (2001). Práticas Educativas Maternas e Problemas de Comportamento em Pré – Escolares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14, 449-460.
- Arrindell, W. A., Emmelkamp, P. M., Monswa, A., & Brilwan, E. (1983). Psychiatric evaluation of an inventory for assessment of parental rearing practices. *Acta Psychiatrica Scandinavia*, 67, 163-177.
- Arrindell, W. A., Gerlsma, C., Vandereycken, W., Hegeman, W., & Daeseleire, T. (1998). Convergence validity of the dimensions underlying of parental bonding instrument (PBI) and EMBU. *Personality and individual differences*, 24 (3), 341-350.
- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding ~~three~~ patterns of pre-school behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75, 43-88.
- Baumrind, D. (1968). Authoritarian vs authoritative parental control. *Adolescence*, 3, 225-272.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Development Psychology Monograph*, 4, 1-103.
- Bayle, J., & Martinet, S. (2008). *Perturbações da parentalidade*. Lisboa: Climpesi.

Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: a process model. *Child Development*, 55, 83-96.

Belsky, J. (1993). Etiology of child maltreatment: a developmental-ecological analysis. *Psychological Bulletin*, 114 (6), 723-742.

Bögels, S., van Oosten, A., Muris, P., & Smulders, D. (2001). Familial correlates of social anxiety in children and adolescents. *Behaviour Research Therapy*, 39, 273-287.

Brown, A. & Whiteside, S. (2008). Relations among perceived parental rearing behaviors, attachment style, and worry in anxious children. *Anxiety Disorders*, 22, 263-272.

Canavarro, M. C., & Pereira, A. I. (2007a). Children's perceptions of their parents' rearing style: The Portuguese version of EMBU-C. *Revista Ibero Americana de Diagnóstico y Avaliação Psicológica*, 24 (2), 193-210.

Canavarro, M. C., & Pereira, A. I. (2007b). A avaliação dos estilos parentais educativos na perspectiva dos pais: A versão portuguesa do EMBU-P. *Psicologia: Teoria Investigação e Prática*, 2, 271-286.

Castro, J., Pablo, J. , Toro, J., & Valdés, M. (1999). Parenting style in relation to pathogenic and protective factors of type A behavior pattern. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 34, 383-390.

Castro, J., Pablo, J. D., Gómez, J. A., & Toro, J. (1997). Assessing rearing behaviour from the perspective of the parents: a new form of the EMBU. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 32, 230-235.

Castro, J., Toro, J., van der Ende, J., & Arrindell, W. A. (1993). Exploring the feasibility of assessing perceived parental rearing styles in Spanish children with the EMBU. *The International Journal of Social Psychiatry*, 39 (1), 45-47.

Cox, S. H. (1970). Intrafamily comparison of loving-rejecting child rearing practices. *Child Development*, 41, 437-448.

Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Edições Quarteto.

Cummings, M. E.; Davies, P. T., & Campbell, S. B. (2000). *Developmental Psychopathology and family process: Theory, research and clinical applications*. New York: Guilford.

Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as a context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 133 (3), 487-496.

Forehand, R., & Nousiainen, S. (1993). Maternal and paternal functioning: critical dimensions in adolescent functioning. *Journal of Family Psychology*, 7, 213 – 221.

Grüner, K., Muris, P., & Merckelbach, H. (1999). The relationship between anxious rearing behaviours and anxiety disorders symptomatology in normal children. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, 30, 27-35.

Kuppens, S., Grietens, H., Onghena, P., & Michiels, D. (2009). Measuring parenting dimensions in middle childhood: multitrait-multimethod analysis of child, mother, and father ratings. *European Journal of Psychological Assessment*, 25, 1-8.

Lundberg, M., Perris, C., & Adolfsson, R. (2000). Family Environment and personality: perceived parenting and the role of personality. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 7, 267-274.

Maccoby, E., & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: parent-child interaction. In Hetherington, E. M. (Ed.) & Mussen, P. H. (Series ed.), *Handbook of the child psychology, Vol. 4: Socialization, personality and social development* (pp. 1- 101). New York: Wiley.

Markus, M. T., Lindhoud, I. E., Boer, F. Hoogendijk, & Arrindell, W. A. (2003). Factors of perceived parental rearing styles: the EMBU-C examined in a sample of Dutch primary school children. *Personality and Individual Differences*, 34, 503-519.

Mofrad, S., Abdullah, R., & Samah, B., (2009). Perceived parental overprotection and separation anxiety: does specific parental rearing serve as specific risk factor. *Asian Social Science*, 5 (11), 109-116.

Muris, P., Bosma, H., Meesters, C., & Shoulten, E. (1997). Perceived parental rearing behaviours: a confirmatory factor analytic study of the Dutch EMBU for children. *Personality and Individual Differences*, 24 (3), 439-442.

Muris, P., Meesters, C., & van der Berg, S. (2003). Internalizing and externalizing problems as correlates of self-reported attachment style and perceived parental rearing in normal adolescents. *Journal of Child and Family Studies*, 12 (2), 171-183.

Muris, P., Meesters, C., Merckelbach, H., & Hülsenbeck, P. (2000). Worry in children is related to perceived parental rearing and attachment. *Behaviour Research and Therapy*, 38, 487-497.

Muris, P., Meesters, C., Morren, M., & Moorman, L. (2004). Anger and hostility in adolescents: relationships with self-reported attachment style and perceived parental rearing styles. *Journal of Psychosomatic Research*, 57, 257-264.

Noller, P. & Callan, & V. J. (1988). Understanding parental adolescent interactions: perceptions of family members and outsiders. *Developmental psychology*, 24, 707-714.

Nunnally, J. C. (1978). *Psychometric theory*. New York: Mc Graw-Hill.

Paiva, P.I. (2005). “De pequenino se torce o...”: *Práticas educativas parentais: um estudo com pais de crianças em idade pré-escolar*. Dissertação de mestrado em Ciências da Educação, especialização em Educação de Adultos e Intervenção

Comunitária, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação de Coimbra, Coimbra.

Paulson, S. E., & Sputa, C. (1996). Patterns of parenting during adolescence: perceptions of adolescents and parents. *Adolescence*, 31, 369 – 381.

Pereira, A. I. (2007). *Crescer em Relação: estilos parentais educativos, apoio social e ajustamento: estudo longitudinal com crianças em idade escolar*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Pereira, A. I., Canavarro, M. C., Cardoso, M., & Mendonça, D. (2009). Patterns of parenting styles and child emotional and academic adjustment among school-aged Portuguese children. *Journal of Child and Family Studies*, 18, 454 - 464.

Relvas, A. P. (2006). *O ciclo de vida da família* (4ª ed.). Porto: Afrontamento.

Rodrigo, M., & Palacios, J. (cords.) (2003). *Familia y desarrollo humano*. (4ed.) Madrid: Alianza.

Roelofs, J., Meesters, C., Huurne, M., Bamelis, L., & Muris, P. (2006). On the links between attachment style, parental rearing behaviors, and internalizing and externalizing problems in non-clinical children. *Journal of Child and Family Studies*, 15 (3), 331-344.

Rohner, R. P. (2004). The Parental “Acceptance – Rejection Syndrome”.: Universal correlates of perceived rejection. *American Psychologist*, 830-840.

Rubin, K. H., Nelson, L. J., Hastings, P., & Asenfordpf, J. (1999). The transaction between parent’s perceptions of their children’s shyness and their parenting styles. *International Journal of Behavioral Development*, 23, 937-957.

Russell, G., & Russel, A. (1987). Mother – child and father – Child: relations in middle childhood. *Child Development*, 58, 1573 – 1585.

Shek, D. (2000). Differences between fathers and mothers in the treatment of, and relationship with, their teenage children: Perceptions of chinese adolescents. *Adolescence*, 35 (137), 135-146.

Tein, J.; Roosa, M. & Michaels, M. (1994). Agreement between parent and child reports on parental behaviours. *Journal of Marriage and family*, 56, 351-355.



## **Anexos**

**Anexo 1. Características sócio-demográficas da amostra: crianças**

	n = 93	%
<b>Idade</b>		
6	15	16.1
7	26	28.0
8	25	26.9
9	22	23.7
10	5	5.4
Média = 7.74; DP = 1.15		
<b>Género</b>		
Masculino	44	47.3
Feminino	49	52.69
<b>Ano de escolaridade</b>		
1º Ano	22	23.66
2º Ano	24	25.81
3º Ano	28	30.11
4º Ano	19	20.43

## Anexo 2. Caracterização da amostra: Idade, nível de escolaridade, situação profissional e profissão dos pais

	n	Mínimo	Máximo	Média	DP
Idade do Pai	90	29	49	38.02	4.68
Idade da Mãe	92	25	46	36.26	5.35

	Mãe		Pai	
	n	%	n	%
<b>Nível de Escolaridade</b>				
1º Ciclo	4	4.35	4	4.49
2º Ciclo	10	10.87	27	30.34
3º Ciclo	28	30.43	32	35.96
Ensino Secundário	29	31.52	18	20.22
Ensino Superior	20	21.74	7	7.87
Mestrado	0	.00	1	1.12
Doutoramento	1	1.09	0	.00
<b>Situação Profissional</b>				
Empregado	79	85.87	82	93.18
Desempregado	5	5.43	6	6.82
Doméstico	4	4.35	0	.00
Trabalhador – Estudante	3	3.26	0	.00
Estudante	1	1.09	0	.00
<b>Profissão</b>				
Quadros Superiores	2	2.17	6	6.67
Prof. Intelectuais e Científicas	12	13.04	8	8.89
Prof. Técnicas e Intermédias	20	21.74	7	7.78
Pessoal Administrativo	12	13.04	4	4.44
Pessoal dos Serviços e Vendedores	29	31.52	10	11.11
Trabalhadores Qualificados da Produção – Agric e Pescas	0	.00	0	.00
Operários, Artificies, Trabalhadores Similares	1	1.09	33	36.67
Operários de Instalações e Máquinas	0	.00	12	13.33
TNQ 1- Serviços e Comércio	9	9.78	5	5.56
TNQ 2 – Agricultura e Pescas	0	.00	0	.00
TNQ 3 – Minas, Construção, Ind. Tranf. E Transportes	0	.00	2	2.22
População Inactiva – Defic., Reform., Desemp., Domést., Est.	7	7.61	3	3.33

**Anexo 3. Tipos de família do estudo**

	N	%
Família nuclear	79	87.77
Família monoparental	8	8.88
Família reconstituída	3	3.33

#### **Anexo 4. Médias, desvios - padrão e teste Kolmogorov–Smirnov para as subescalas do**

##### **EMBU-C- mãe, EMBU-C- pai e do EMBU-P**

EMBU-C-mãe	Mínimo	Máximo	Média	DP	K-S	P
Suporte emocional	27	56	45.46	6.12	.081	.190
Rejeição	8	26	12.35	3.70	.174	.000
Tentativa de controlo	13	37	24.33	4.73	.077	.200

EMBU-C-pai	Mínimo	Máximo	Média	DP	K-S	P
Suporte emocional	26	56	44.56	6.64	.095	.042
Rejeição	8	24	12.13	3.46	.132	.001
Tentativa de controlo	13	34	22.30	4.67	.082	.170

EMBU-P	Mínimo	Máximo	Média	DP	K-S	P
Suporte emocional	32	56	48.24	4.97	.120	.003
Rejeição	18	39	27.50	4.76	.093	.048
Tentativa de controlo	23	42	30.31	4.20	.117	.003

**Anexo 5. Diferenças na percepção da mãe sobre os estilos educativos parentais em função do género da criança.**

	Masculino		Feminino		U	P
	Média	DP	Média	DP		
EMBU-P - Suporte Emocional	48.97	4.10	47.59	5.60	931.500	.258
EMBU-P – Rejeição	27.02	4.49	27.93	4.99	975.000	.427
EMBU-P - Tentativa de Controlo	29.95	3.84	30.63	4.52	1006.500	.581

**Anexo 6. Diferenças na percepção da criança sobre os estilos educativos parentais em função do género da criança**

	Masculino		Feminino		U	p
	Média	DP	Média	DP		
EMBU-C - Suporte Emocional (Pai)	44.34	6.32	44.77	6.99	995.500	.636
EMBU-C - Suporte Emocional (Mãe)	44.86	5.45	46.00	6.66	904.500	.243
EMBU-C - Rejeição (Pai)	12.45	3.72	11.83	3.22	966.500	.482
EMBU-C - Rejeição (Mãe)	12.69	3.92	12.06	3.52	958.000	.452
EMBU-C - Tentativa de Controlo (Pai)	23.00	4.45	21.66	4.83	886.000	.183
EMBU-C - Tentativa de Controlo (Mãe)	24.46	4.22	24.22	5.18	1012.000	.745

**Anexo 7. Diferenças entre a percepção da criança dos estilos educativos parentais em função do comportamento actual da criança**

	Calma, Sossegada		Problemas de Comportamento		U	P
	Média	DP	Média	DP		
EMBU-C - Suporte Emocional (Pai)	44.65	6.89	44.50	5.92	751.500	.711
EMBU-C - Suporte Emocional (Mãe)	44.98	6.60	47.04	4.21	677.500	.223
EMBU-C - Rejeição (Pai)	12.16	3.44	11.70	3.41	718.500	.500
EMBU-C - Rejeição (Mãe)	12.46	3.66	11.84	3.82	718.500	.394
EMBU-C - Tentativa de Controlo (Pai)	22.16	4.87	22.70	4.20	735.000	.602
EMBU-C - Tentativa de Controlo (Mãe)	23.98	4.73	25.32	4.72	715.000	.378



## Anexo 8. Consentimento Informado

### Pedido de Consentimento Informado aos Pais

O estudo “práticas educativas parentais e qualidade da vinculação em crianças em idade escolar”, conduzido por Sónia Simões (soniasimoes76@gmail.com) insere-se no Programa de Doutoramento em Saúde Mental do Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto, sob a supervisão científica do Prof. Doutor Carlos Farate e da Prof.<sup>a</sup> Doutora Isabel Soares.

Estamos a pedir-lhe para participar voluntariamente, em conjunto com o(a) seu(sua) filho(a), neste estudo. Todavia, tem a opção de não participar neste estudo, ou a possibilidade de interromper a sua participação acaso se sinta desconfortável relativamente a algum aspecto da sua participação nesta investigação.

É **objectivo** deste estudo examinar as percepções da qualidade da vinculação e das práticas parentais em famílias de crianças em idade escolar. Com este estudo pretendemos compreender o modo como se relacionam as práticas educativas parentais com os comportamentos de vinculação dos filhos.

A **participação neste estudo implica** a participação da mãe e do(a) seu(sua) filho(a) que frequenta esta escola na recolha de dados, sendo utilizado o mesmo protocolo junto de todos os participantes.

A mãe preencherá um inquérito constituído pelos seguintes instrumentos:

1. Questionário onde são colocadas algumas questões sobre a sua família;
2. Escala de percepção materna do comportamento de vinculação da criança;
3. Escala para avaliar a percepção da mãe relativamente à frequência da ocorrência de determinadas práticas educativas parentais na educação do seu filho;

Após ter lido e assinado o seu consentimento informado, devolvendo-o juntamente com o inquérito a si destinado e já devidamente preenchido, fica finalizada a sua participação. Só neste momento será solicitada a participação do(a) seu(sua) filho(a) nesta investigação, que respeitará rigorosamente as actividades escolares.

A participação do(a) seu(sua) filho(a) (a frequentar o 1º ciclo nesta escola) consistirá na interacção com o investigador, sendo solicitado que, durante 10 minutos, realize uma tarefa num ambiente lúdico com o objectivo de avaliar a frequência com que sucedem determinadas práticas educativas parentais.

A sua participação é da maior importância para o sucesso deste projecto de investigação cujo objectivo é aprofundar o conhecimento sobre o modo como se podem aperfeiçoar as práticas educativas parentais, a fim de melhorar a qualidade dos comportamentos de vinculação entre pais e filhos e, deste modo, promover o seu crescimento mais saudável.

Chamamos, enfim, a sua atenção para o facto de que tanto a sua participação como a participação do(a) seu (sua) filho(a) neste estudo são de natureza **confidencial**, sendo, ainda, assegurado o total **anonimato** dos participantes neste estudo, e dada a **garantia de que os dados recolhidos serão apenas utilizados para esta investigação**.

Coimbra, Fevereiro de 2009

Obrigada pela sua colaboração.

---

### Assinatura do Consentimento Informado

Eu, \_\_\_\_\_ ☐ Autorizo/ ☐ Não autorizo

a participação do(a) meu(minha) filho(a) neste estudo, que tem como objectivo compreender a relação entre as práticas educativas parentais e os padrões de vinculação das crianças em idade escolar.

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

(Data e Assinatura do progenitor)

## Anexo 9. Questionário Sócio - Demográfico

### QUESTIONÁRIO PARA A MÃE

Este questionário faz parte de uma investigação que tem por objectivo principal o estudo de famílias com crianças em idade escolar, pretendendo-se avaliar a percepção das mães e dos seus filhos em idade escolar relativamente às práticas educativas parentais e ao comportamento de vinculação dos filhos.

O questionário contém um conjunto inicial de questões sobre as características do seu agregado familiar.

As questões colocadas reportam-se ao(à) seu(sua) filho(a) que frequenta esta escola do 1º ciclo, sendo apresentadas questões sobre como decorreu a gravidez, assim como sobre o seu estado de saúde, desenvolvimento e comportamento desde o nascimento até à actualidade.

Para a maior parte das questões é suficiente colocar **uma cruz** na quadrícula correspondente à opção de resposta escolhida, de entre aquelas que fazem parte das opções de resposta.

Se não encontrar uma opção de resposta que corresponda à situação do(a) seu(sua) filho(a), escolha aquela que lhe pareça ser a mais aproximada.

Este questionário é **anónimo**, sendo as suas respostas inteiramente **confidenciais**.

**Agradecemos a sua colaboração e sinceridade.**

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

#### I. IDENTIFICAÇÃO DOS ELEMENTOS FAMILIARES

##### 1.1 Idade dos pais

Idade do pai \_\_\_\_\_ anos

Idade da mãe \_\_\_\_\_ anos

##### 1.2 Situação conjugal actual

- |   |                          |
|---|--------------------------|
| 1. Solteiro(a)                                      | <input type="checkbox"/> |
| 2. Casados - (ano do casamento _____)               | <input type="checkbox"/> |
| 3. União de facto - (ano da união _____)            | <input type="checkbox"/> |
| 4. Separados - (ano da separação _____)             | <input type="checkbox"/> |
| 5. Divorciados - (ano do divórcio _____)            | <input type="checkbox"/> |
| 6. viúvo(a) - (ano de falecimento do cônjuge _____) | <input type="checkbox"/> |
| 7. Outra situação. Qual? _____                      | <input type="checkbox"/> |

##### 1.3 Nível de escolaridade

- |  | Mãe                      | Pai                      |
|--|--------------------------|--------------------------|
| 1. Analfabeto (não sabe ler nem escrever)        | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 2. 1º Ciclo (1ª - 4ª classe)                     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 3. 2º Ciclo (5º - 6º ano)                        | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 4. 3º Ciclo (7º - 9º ano)                        | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 5. Ensino Secundário (10º - 12º ano)             | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 6. Ensino Superior (Bacharelato ou Licenciatura) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 7. Mestrado                                      | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 8. Doutoramento                                  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

##### 1.4 Situação Profissional

- |                 | Mãe                      | Pai                      |
|-----------------|--------------------------|--------------------------|
| 1. Empregado    | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 2. Desempregado | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 3. Doméstico    | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

- |                          |                          |                          |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 4. Reformado/Pensionista | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 5. Trabalhador-estudante | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 6. Estudante             | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

### 1.5 Profissão

Profissão do pai: \_\_\_\_\_  
 Profissão da mãe: \_\_\_\_\_

### 1.6 Filhos

Número de filhos: \_\_\_\_\_

Para cada filho, indique:	Idade	Data de nascimento	Sexo	
Filho 1	_____	_____	Feminino <input type="checkbox"/>	Masculino <input type="checkbox"/>
Filho 2	_____	_____	Feminino <input type="checkbox"/>	Masculino <input type="checkbox"/>
Filho 3	_____	_____	Feminino <input type="checkbox"/>	Masculino <input type="checkbox"/>
Filho 4	_____	_____	Feminino <input type="checkbox"/>	Masculino <input type="checkbox"/>

### 1.7 Composição do agregado familiar (pessoas que vivem na mesma casa)

Parentesco	Idade	Estado civil	Habilitações literárias	Profissão
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____

## II. PREENCHA OS SEGUINTE DADOS SOLICITADOS, APENAS EM RELAÇÃO AO SEU FILHO A FREQUENTAR ESTA ESCOLA

### 2. GRAVIDEZ E PARTO (recorrer sempre que possível à caderneta de saúde do(a) seu (sua) filho(a))

2.1 Que idade tinha quando engravidou do seu filho? \_\_\_\_\_ anos Sim Não

2.2 A gravidez deste seu filho/desta sua filha foi vigiada medicamente? ☐ ☐

2.3 Planeou a sua gravidez? ☐ ☐

Se sim, quais os motivos pelos quais quis engravidar? \_\_\_\_\_

2.4 Aceitou bem a sua gravidez? ☐ ☐

Se sim, descreva como se desenrolou o processo de aceitação da gravidez:

\_\_\_\_\_

Se não, o que a fez decidir ter o bebé? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2.5 Pensou em interromper a gravidez? ☐ ☐

2.6 Pensou em entregar o bebé para adopção? ☐ ☐

2.7 A evolução da gravidez deste(a) seu(sua) filho(a) foi perturbada por algum dos problemas de saúde abaixo indicados? ☐ ☐

Se sim, no caso de ter tido mais que um destes problemas, indique aquele que considera mais importante

1. Vômitos incomodativos ☐

2. Ameaça de parto prematuro ☐

3. Outras complicações obstétricas (p. ex. edemas, hemorragias) ☐

4. Uma situação de hospitalização ☐

5. Outro problema de saúde. (Qual? \_\_\_\_\_) ☐

### 2.8 O parto foi

1. De tempo completo	<input type="checkbox"/>	
2. Antes do tempo	<input type="checkbox"/>	
3. Depois do tempo	<input type="checkbox"/>	
<b>2.9 Tipo de parto</b>		
1. Normal	<input type="checkbox"/>	
2. Cesariana	<input type="checkbox"/>	
3. Fórceps (ferros)	<input type="checkbox"/>	
4. Ventosa	<input type="checkbox"/>	
	Sim	Não
<b>2.10 Foi necessário fazer algum tratamento ao recém-nascido?</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se sim, que tipo de tratamento foi instituído ao(à) seu(sua) filho(a)		
1. Reanimação	<input type="checkbox"/>	
2. Colocação na incubadora	<input type="checkbox"/>	
3. Fototerapia (por icterícia neo-natal)	<input type="checkbox"/>	
4. Soro	<input type="checkbox"/>	
5. Outra intervenção (Qual? _____)	<input type="checkbox"/>	
<b>3. SAÚDE</b>		
<b>3.1 Enquanto bebé (até aos 2 anos)</b>		
1. era uma criança vigorosa e saudável (cresceu bem)	<input type="checkbox"/>	
2. trazia-vos inquietos (era um bebé frágil, adoentado, necessitando de uma protecção particular)	<input type="checkbox"/>	
<b>3.2 Actualmente</b>		
1. é uma criança vigorosa e saudável	<input type="checkbox"/>	
2. parece-lhe uma criança de saúde frágil, necessitando de uma protecção particular)	<input type="checkbox"/>	
	Sim	Não
<b>3.3 Teve problemas de saúde (alergias, asma, rinite, doenças de pele, otites, infecções respiratórias, diabetes, convulsões)?</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se sim, <b>sublinhe</b> o(s) problema(s) identificado(s) ou indique outro(s) não apresentado(s): _____		
<b>3.4 Teve problemas de visão, audição, ortopedia ou dentição?</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se sim, <b>sublinhe</b> o(s) problema(s) identificado(s)		
<b>3.5 Teve de efectuar correcção permanente (óculos, prótese auditiva ou ortopédica) para o(s) seu(s) problema(s) médico(s)?</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se sim, <b>sublinhe</b> o tipo de correcção utilizada e indique a idade do seu filho e o período de utilização: _____		
<b>3.6 Sofreu algum acidente? (p. ex. queda, atropelamento, intoxicação)</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se sim, que tipo de acidente e com que idade? _____		
<b>3.7 Alguma vez foi hospitalizado(a)?</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1. Se sim, qual o motivo da hospitalização? situação de doença <input type="checkbox"/> acidente <input type="checkbox"/> outro motivo (qual? _____) <input type="checkbox"/>		
2. Quantas vezes foi hospitalizado(a)? 1 vez <input type="checkbox"/> 2 vezes <input type="checkbox"/> 3 vezes ou mais <input type="checkbox"/>		
3. Indique que idade(s) tinha quando foi hospitalizado: _____		
4. Qual foi a duração do internamento mais longo? menos de 1 mês <input type="checkbox"/> entre 1 e 3 meses <input type="checkbox"/> mais de 3 meses <input type="checkbox"/>		
<b>3.8 Em algum momento lhe foram prescritos medicamentos?</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se sim, medicamentos para quê? _____		
<b>3.9 Foi seguido em consulta psicológica (psicólogo, psiquiatra)?</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Que idade tinha? _____ anos. Durante quanto tempo foi seguido? _____ meses		

#### 4. SONO

4.1 Dormiu no quarto dos pais até aos \_\_\_\_\_ (meses) Sim Não

4.2 Foi difícil mudá-lo(a) para o seu quarto? ☐ ☐

4.3 Necessitava de um objecto particular (pedaço de tecido, animal de peluche, brinquedo) para se acalmar durante o dia e para adormecer à noite? ☐ ☐

Se sim, até que idade? \_\_\_\_\_ anos

4.4 Assinale a situação habitual que caracteriza o sono do(a) seu(sua) filho(a)

- |  |                          |
|--|--------------------------|
| 1. Dorme bem a noite   | <input type="checkbox"/> |
| 2. Sofre de insónia (dificuldade em adormecer, acorda a meio da noite ou muito cedo)   | <input type="checkbox"/> |
| 3. Apresenta rituais de adormecimento (p. ex. balanceio rítmico do corpo ou da cabeça) | <input type="checkbox"/> |
| 4. Tem angústias nocturnas, pesadelos, terrores nocturnos                              | <input type="checkbox"/> |
| 5. Tem sonambulismo  | <input type="checkbox"/> |

## 5. ALIMENTAÇÃO

5.1 Era um bebé (até aos 2 anos) que

- |  |                          |
|--|--------------------------|
| 1. comia bem   | <input type="checkbox"/> |
| 2. reagia mal à introdução de novos alimentos              | <input type="checkbox"/> |
| 3. recusava outra alimentação que não fosse leite ou papas | <input type="checkbox"/> |
| 4. recusava todo o tipo de alimentos                       | <input type="checkbox"/> |

5.2 Actualmente é uma criança que

- |   |                          |
|---|--------------------------|
| 1. come bem   | <input type="checkbox"/> |
| 2. come pouco e com dificuldades (birras frequentes à mesa) | <input type="checkbox"/> |
| 3. tem caprichos alimentares frequentes                     | <input type="checkbox"/> |

6. DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR - Desde que nasceu, teve alguma alteração do crescimento/desenvolvimento? Sim Não

Se sim, assinale quais das seguintes situações apresentadas se aplicam ☐ ☐

- |                             |                          |                          |
|-----------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1. Postura/marcha           | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 2. Controlo dos esfíncteres | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 3. Alterações do sono       | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 4. Alterações alimentares   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 5. Medos                    | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 6. Outra. Qual? _____       | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

## 7. COMPORTAMENTO

7.1 COMPORTAMENTO PRECOCE - Enquanto bebé (até aos 2 anos), era uma criança

- |   |                          |
|---|--------------------------|
| 1. vigorosa, interessada pelo que a rodeava, sorridente e activa na interacção (com a mãe e outras pessoas)             | <input type="checkbox"/> |
| 2. pouco interessada por aquilo que a rodeava (incapaz de entreter-se sozinha, difícil de estimular por outras pessoas) | <input type="checkbox"/> |
| 3. agitada, choramingas, difícil de sossegar  | <input type="checkbox"/> |
| 4. indiferente, desinteressada pelo que a rodeava, tímida, fugindo ao contacto  | <input type="checkbox"/> |

7.2 COMPORTAMENTO ATÉ AOS 5 ANOS - Até aos 5 anos era uma criança (assinale apenas 1 dos itens, aquele que corresponde ao seu comportamento mais habitual)

- |  |                          |
|--|--------------------------|
| 1. sossegada, dócil e obediente, entretendo-se com jogos ou brincadeiras (sozinha ou com outras crianças ou adultos) | <input type="checkbox"/> |
| 2. irrequieta e instável, incapaz de se manter na mesma actividade mais do que um instante                           | <input type="checkbox"/> |
| 3. desobediente, gostava de contrariar, recusando com frequência fazer o que lhe era pedido                          | <input type="checkbox"/> |
| 4. tímida e algo embaraçada entre as outras crianças   | <input type="checkbox"/> |

5. não suportava ser contrariada fazendo “birras” ou crises de cólera quando isso acontecia ☐
6. muito dependente da mãe (“agarrada às saias da mãe”) ☐
7. que brincava pouco (sozinha ou com outras crianças), não mostrando qualquer interesse por brinquedos ou jogos de construção ☐

**7.3 COMPORTAMENTO ACTUAL – Hoje em dia é uma criança (assinale apenas 1 dos itens, aquele que corresponde ao seu comportamento mais habitual)**

1. calma, sossegada, com boa capacidade relacional ☐
2. tímida e embaraçada entre os rapazes/raparigas da sua idade ☐
3. conflituosa, agressiva (discussões e zaragatas frequentes com as outras crianças) ☐
4. teimosa e rebelde, recusando abertamente obedecer aos pais ou outros adultos ☐
5. frequentemente inibida face a situações novas ou a adultos que não conhece ☐
6. passiva, dependente, exigindo a atenção dos pais a todo o momento ☐
7. triste, queixando-se com frequência das maldades dos colegas, tendência ao isolamento ☐

**8. MODO DE GUARDA DURANTE A INFÂNCIA**

Sim Não

**8.1 O seu filho foi colocado numa ama, creche, jardim-de-infância, ou ao cuidado de outra pessoa da família até aos 24 meses de idade?**

☐ ☐

Com que idade: \_\_\_\_\_ meses

Com quem/onde ficou? \_\_\_\_\_

**8.2 A adaptação do(a) seu(sua) filho(a) foi**

1. fácil desde o início ☐
2. inicialmente difícil, mas com uma boa adaptação a seguir ☐
3. sempre difícil (tinha dificuldade de separação, resistia a ficar e não se integrava nas actividades de grupo) ☐

Sim Não

**8.3 Durante este período mudaram-no(a) de ama/creche/jardim-de-infância?**

☐ ☐

Se sim, quantas vezes? \_\_\_\_\_

**9. ADAPTAÇÃO ESCOLAR**

**9.1 Idade da sua entrada na escola primária: \_\_\_\_\_ anos**

**9.2 O(A) seu(sua) filho(a)**

1. adaptou-se bem e integrou-se com facilidade desde o início ☐
2. apresentou dificuldades de adaptação inicial, que foram rapidamente resolvidas ☐
3. teve grande dificuldade na sua adaptação escolar, que mantém, actualmente ☐

Sim Não

**9.3 Em relação ao seu comportamento escolar, ele (ela) coloca problemas ao (à) professor(a)?**

☐ ☐

Se sim, que tipo de problema(s)? \_\_\_\_\_

**9.4 Do ponto de vista da aprendizagem é um(a) aluno(a)**

1. interessado(a) ☐
2. pouco interessado(a) ☐
3. sem interesse pela escola ☐

**9.5 Quanto ao seu rendimento escolar**

1. é um bom aluno/uma boa aluna ☐
2. tem mostrado dificuldades em uma ou várias matérias escolares ☐

**10. ACONTECIMENTOS DE VIDA DESDE QUE ENGRAVIDOU DO SEU FILHO EM QUESTÃO**

Ocorreram, durante o período de vida do(a) seu(sua) filho(a), acontecimentos ou problemas que vos tenham afectado (p.ex. doença, hospitalização ou acidente de alguém de família ou próximo, situação de luto, depressão, conflito ou separação do casal, outras dificuldades familiares ou acontecimentos significativos...)?

Sim Não  
☐ ☐

Se sim, **sublinhe** na lista apresentada anteriormente os acontecimentos ocorridos, ou indique outro(s) não apresentado(s), referindo a idade que tinha o seu filho (em relação ao qual está a preencher este questionário) quando aconteceu cada uma das situações sublinhadas: \_\_\_\_\_

## Anexo 10. EMBU-C

# EMBU-Crianças 6-12

(Versão Original de J. Castro, 1993)

Código criança:

Agora vamos falar um pouco sobre as coisas que acontecem em tua casa. Vais explicar-me como é que te sentes, o que dizem e o que fazem os teus pais, se às vezes se aborrecem contigo, se te fazem surpresas, oferecem prendas, etc.

Aqui estão algumas perguntas a que tu vais responder dizendo se o que te é perguntado não acontece **NUNCA**, se acontece **ALGUMAS VEZES**, se acontece **MUITAS VEZES**, ou se acontece **SEMPRE**.

Vamos ver como tu respondes:

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
Os teus pais dão-te um beijo antes de te deitares?	1	2	3	4
	1	2	3	4

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
1. Os teus pais dizem-te que gostam de ti e abraçam-te ou beijam-te?	1	2	3	4
2. Sentes-te triste quando os teus pais não te dão o que queres?	1	2	3	4
3. Se fazes algo mal, podes resolver a situação se pedires desculpa aos teus pais?	1	2	3	4
4. Os teus pais dizem-te como te deves vestir, pentear...?	1	2	3	4
5. Os teus pais proibem-te de fazer coisas que os teus amigos podem fazer, por medo que te aconteça algo de mal?	1	2	3	4
6. Os teus pais preocupam-se em saber o que fazes quando saís da escola, quando saís com algum amigo, etc.?	1	2	3	4
7. Se as coisas te correm mal, achas que os teus pais te tentam compreender e ajudar?	1	2	3	4
8. Quando fazes algo mal, os teus pais ficam tão tristes que te fazem sentir culpado?	1	2	3	4
9. Achas que os teus pais te ajudam quando tens que fazer algo difícil?	1	2	3	4
10. Tratam-te como o "mau da história" e deitam-te as culpas de tudo o que acontece em tua casa?	1	2	3	4
11. Os teus pais gostavam que te parecesses com outra criança?	1	2	3	4
12. Os teus pais demonstram-te que estão contentes contigo?	1	2	3	4
13. Achas que os teus pais confiam em ti e te deixam decidir coisas por tua conta?	1	2	3	4
14. Achas que os teus pais te escutam e têm em conta as tuas opiniões?	1	2	3	4

		Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
15. Os teus pais querem que lhes contes os teus segredos?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
16. Achas que os teus pais querem ajudar-te?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
17. Achas que os teus pais são "forretas" e "duros" contigo?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
18. Os teus pais dizem-te coisas como esta: "Se fazes isto, vou ficar muito triste"?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
19. Ao chegar a casa tens que contar aos teus pais o que fizeste?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
20. Os teus pais fazem alguma coisa para que te divirtas e aprendas coisas (por exemplo comprar livros, procurar que saias num passeio, etc.)?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
21. Os teus pais dizem-te que te portas bem?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
22. Os teus pais dizem-te que não te comprem algo para que não sejas um menino mimado?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
23. Sentes-te culpado quando não te comportas como os teus pais querem?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
24. Quando estás triste os teus pais consolam-te e animam-te?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
25. Os teus pais dizem que não gostam da maneira como te comportas em casa?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
26. Os teus pais zangam-se ou chamam-te de preguiçoso à frente de outras pessoas?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
27. Os teus pais gostam de ti como és?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
28. Os teus pais batem-te sem motivo?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
29. Os teus pais jogam contigo e participam nas tuas diversões?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
30. Os teus pais têm demasiado medo que te aconteça algo de mal?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
31. Os teus pais ficam tristes ou aborrecidos contigo sem te dizerem a razão?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
32. Se os teus pais estão contentes contigo, demonstram-te com abraços, beijos, carícias, etc.?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4



## Anexo 11. EMBU-P

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (Versão de M. C. Canavarro, A. I. Pereira, J. M. P. Canavarro, 2005)

# EMBU-PAIS

(Versão Original de J. Castro, 1993)

Código criança:

Nome

Data

Idade  anos

Código da criança

Quem responde a este questionário?

☐ Pai

☐ Mãe

☐ Pai e Mãe

O seu filho vive consigo (ou convosco)?

☐ Sim

☐ Não

Em caso negativo, há quantos anos que não vive(m) com o seu (vosso) filho?  anos.

Quantos filhos tem?  filhos.

Que lugar ocupa este entre os irmãos?

☐ 1º

☐ 2º

☐ 3º

☐ 4º

☐ 5º

outro

Mesmo que seja difícil explicar com exactidão como se relaciona ou se relacionou com os seus filhos, certamente tem uma ideia, mais ou menos precisa, de como o tem educado e porque tem procedido dessa forma.

Para responder a este questionário é muito importante que tente recordar as atitudes e comportamentos que tem tido em relação ao seu filho. Como verá, cada pergunta pode ser respondida de diferentes maneiras. Deve escolher a resposta que melhor reflecta o comportamento que tem ou teve para com o seu filho. **Depois de ter escolhido a resposta mais apropriada ao seu caso, deverá rodeá-la com um círculo**

Antes de seleccionar a resposta que julga ser a mais adequada, leia atentamente cada uma das quatro alternativas possíveis. Lembre-se que só pode escolher uma opção por pergunta. Não deixe nenhuma questão por responder. Como verá, algumas perguntas não podem ser respondidas se tem só um filho; nesse caso, deixe a resposta em branco.

Seguidamente, apresentamos um exemplo de como se devem responder às perguntas deste questionário:

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
Costuma bater no seu filho?	1	2	3	4
É carinhoso(a) com ele?	1	2	3	4

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
1. Demonstra ao seu filho, com palavras e gestos, que gosta dele?	1	2	3	4
2. Castiga o seu filho mesmo no caso de pequenas faltas?	1	2	3	4
3. Tenta influenciar o seu filho para que ele venha a ser uma pessoa bem colocada na vida?	1	2	3	4
4. Deseja que o seu filho seja diferente em algum aspecto?	1	2	3	4
5. Acha que é demasiado severo (a) com o seu filho?	1	2	3	4
6. Decide como o seu filho deve vestir-se ou que aspecto deve ter?	1	2	3	4
7. Proíbe o seu filho de fazer coisas que outras crianças da idade dele fazem, por medo que lhe aconteça algo de mal?	1	2	3	4
8. Bate ou repreende o seu filho em frente de outras pessoas?	1	2	3	4
9. Preocupou-se em saber o que faz o seu filho na sua ausência?	1	2	3	4
10. Quando as coisas correm mal ao seu filho, tenta compreendê-lo e animá-lo?	1	2	3	4
11. Impõe ao seu filho mais castigos corporais do que ele merece?	1	2	3	4
12. Aborrece-se com o seu filho porque ele não o (a) ajuda nas tarefas de casa como gostaria?	1	2	3	4
13. Quando acha que o seu filho faz algo mal, mostra-se de tal forma triste que o faz sentir-se culpado?	1	2	3	4
14. Conta a outras pessoas o que o seu filho faz ou diz, envergonhando-o com isso?	1	2	3	4
15. Mostra interesse em que o seu filho tire boas notas?	1	2	3	4
16. Ajuda o seu filho quando ele enfrenta uma tarefa difícil?	1	2	3	4
17. Diz ao seu filho frases como estas: "Com a tua idade não deverias comportar-te desta forma"?	1	2	3	4
18. Fica triste por culpa do seu filho?	1	2	3	4

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
19. Tenta estimular o seu filho para que ele seja o melhor?	1	2	3	4
20. Demonstra ao seu filho que está satisfeito com ele?	1	2	3	4
21. Confiar no seu filho de tal forma que o deixa actuar sob a sua própria responsabilidade?	1	2	3	4
22. Respeita as opiniões do seu filho?	1	2	3	4
23. Se o seu filho tem pequenos segredos, pede insistentemente que lhos conte?	1	2	3	4
24. Quer estar ao lado do seu filho?	1	2	3	4
25. Acha que é, de alguma forma, "forreta" e "duro (a)" para com o seu filho?	1	2	3	4
26. Quando regressa a casa, o seu filho tem que dar-lhe explicações sobre o que fez ?	1	2	3	4
27. Tenta que a infância do seu filho seja estimulante, interessante e atractiva (por exemplo; dando-lhe bons livros, encorajando-o a participar em passeios e excursões, etc.)	1	2	3	4
28. Elogia o comportamento do seu filho?	1	2	3	4
29. Diz ao seu filho frases como estas: "É assim que nos agradeces todo o esforço que temos feito por ti e todos os sacrifícios que temos feito para o teu bem"?	1	2	3	4
30. Quando o seu filho está triste, pode procurar a sua ajuda e compreensão?	1	2	3	4
31. Diz ao seu filho que não está de acordo com a forma de ele se comportar em casa?	1	2	3	4
32. Interessa-se pelo tipo de amigos mais próximos do seu filho?	1	2	3	4
33. É brusco e pouco amável com o seu filho?	1	2	3	4
34. Castiga o seu filho com dureza, inclusive por coisas que não têm importância?	1	2	3	4
35. Acha que o seu filho deseja que se preocupe menos com as actividades dele?	1	2	3	4
36. Participa activamente nos passatempos e diversões do seu filho?	1	2	3	4
37. Bate ao seu filho?	1	2	3	4
38. Coloca limitações estritas ao que o seu filho pode ou não fazer, obrigando-o a respeitá-las rigorosamente?	1	2	3	4
39. Tem um medo exagerado que aconteça alguma coisa ao seu filho?	1	2	3	4
40. Acha que há carinho e ternura entre si e o seu filho?	1	2	3	4
41. Fica orgulhoso(a) do seu filho quando ele consegue atingir um objectivo a que se tinha proposto?	1	2	3	4
42. Manifesta ao seu filho que está satisfeito com ele através de expressões física carinhosas como dar-lhe palmadas nas costas, abraçá-lo, etc.?	1	2	3	4